

FACULDADE NOVOS HORIZONTES
Programa de Pós-graduação em Administração
Mestrado

**O ARTESÃO E O EMPREENDEDORISMO:
um estudo bibliométrico da produção acadêmica em eventos
EnANPAD de 1999 a 2008**

Geraldo Magela Perdigão Diz Ramos

Belo Horizonte
2009

Geraldo Magela Perdigão Diz Ramos

O ARTESÃO E O EMPREENDEDORISMO:

um estudo bibliométrico da produção acadêmica em eventos

EnANPAD de 1999 a 2008

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Administração da Faculdade Novos Horizontes, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiana Fernandes De Muijder

Linha de pesquisa: Tecnologias de gestão e competitividade

Área de concentração: Organização e estratégia

Belo Horizonte

2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, professora Dra. Cristiana Fernandes De Muylder, pelos conhecimentos recebidos, pela paciência e disponibilidade dispensados a mim e, principalmente, pelo incentivo muitas vezes decisivo para que eu concluísse este trabalho.

À minha família por estarem sempre ao meu lado, fortalecendo-me nas horas mais difíceis e pela compreensão durante a minha ausência em muitos momentos desses últimos anos.

Aos meus amigos, em especial, Abinadab Geraldo Mendes Pimentel, Tarcísio Antônio Fernandez, Roseli de Fátima Dutra, Letícia Correa Magalhães Ferreira, Denílson Aparecida e Márcio Rosa Portes que de alguma forma contribuíram para a construção deste trabalho, prestando serviços ou colaborações diversas.

A todos os professores, colegas e alunos pelas palavras animadoras e pelo apoio dado nas horas de dúvidas.

*Qualquer indivíduo que tenha à frente uma
decisão a tomar pode aprender a ser um
empreendedor e se comportar
empreendedorialmente. O empreendimento
é um comportamento, e não um traço de
personalidade. E suas bases são o conceito
e teoria, e não a intuição.*

Peter Drucker

RESUMO

A problemática proposta por esta dissertação está em saber como a academia aborda o tema artesão e se ocorre relação com empreendedorismo. Portanto, o objetivo geral consiste em identificar se o Encontro Nacional Programas de Pós-graduação em Administração – EnANPAD, dos últimos 10 anos, trata o tema artesanato e se existe relação com empreendedorismo. Para verificar este objetivo optou-se por um estudo bibliométrico a luz da Lei de Zipf onde a frequência do termo artesão foi verificada nos 6.683 artigos do período escolhido, de 1999 a 2008. Após a busca pelo termo artesão, identificou-se 94 artigos, sendo que neste conjunto foi pesquisado o radical “empreend” para buscar a relação com o termo empreendedorismo ou empreendedor ou empreendimento ou empreender. Pode-se perceber que existiu maior ocorrência do termo com relação ao radical nos eventos dos anos de 2000, 2007 e 2008. Nos anos de 2007 e 2008 esta relação e o foco no artesanato como forma de produção econômica correspondeu a 0,33% dos artigos analisados. Também pode-se constatar que a área denominada Teoria das Organizações foi a que concentrou artigos que identificaram o artesão ao empreendedor.. Apesar das ocorrências, percebe-se que a academia ainda não aborda ainda o assunto de forma ampla e sugere-se novos estudos sobre o tema como forma de negócio.

Palavras-chave: Artesão, Empreendedorismo, Bibliometria, Negócio, EnANPAD.

ABSTRACT

The question proposed by this dissertation is how the academy approaches the issue craftsman and if there is any relationship between artisan and entrepreneurship. Therefore, the general objective is to identify into the Brazilian National Meeting of Management Post-graduate Programs – EnANPAD papers, of the past 10 years, work with craft and if there is relationship between it and entrepreneurship. To verify this objective it was used a bibliometric study with Zipf Law parameters into the 6683 articles from 1999 to 2008. After the search by the craftsman, it was identified 94 articles, which this set was searched the radicals related with the term entrepreneurship or enterprise or enterprise or undertaking. You can see that there higher occurrence of the word “craftsman” with the radical events in the years 2000, 2007 and 2008. In the years 2007 and 2008, there were more relation between craftsman and entrepreneurship but just 0,33% of the papers shows handicrafts as an economic production alternative. It also concluded that the Theory of Organizations EnANPAD area identified the artisan to entrepreneur. Despite the frequency and occurrences, this research find out that academy (EnANPAD) do not deals craftsman as a subject or business.

Key-words: Craftsman, Entrepreneurship, Bibliometrics, Business, Enanpad

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACT – Administração de Ciência e Tecnologia

ADI – Administração da Informação

ANPAD – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração

ANPROTEC - Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas

AP – Administração Pública

APS – Administração Pública e Gestão Social

APSA – ESTDO, Administração Pública e Sociedade Civil

APSC – Gestão Social e Ambiental

CON – Contabilidade

DLIS – Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável

ECE – Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor

EMPRETEC – Empreendedorismo y tecnología – acrônimo que identifica programa da UNCTAD para desenvolver empreendedores

EnANPAD – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração

EOR – Estudos Organizacionais

EORA – Teoria das Organizações

EORC – Teoria Crítica em Estudos Organizacionais

EPQ – Ensino de Pesquisa em Administração e Contabilidade

EPQA – Ensino e Pesquisa em Administração

ESO – Estratégias em Organizações

ESOA – Estratégia em Organizações

ESOC – Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor

FIN – Finanças

GCT – Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação

GCTC – Empreendedorismo e Negócios Inovadores

GENESIS - Geração de Novas Empresas de Software, Informação e Serviço

GOL – Gestão de Operações e Logística

GPR – Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho

GPRB – Relações de Trabalho

GSA – Gestão Social e Ambiental

MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

MKT – Marketing

MKTD – Marketing em Contextos Específicos

ORG – Organizações

PAB – Programa do Artesanato Brasileiro

PIB – Produto Interno Bruto

POP – Políticas Públicas

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às micro e pequenas empresas

SOFTEX – Sociedade Brasileira para Exportação de *Software*.

UNCTAD – United Nations Conference on Trade and Development

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ocorrências do termo artesão no evento EnANPAD 1999-2008.....	45
Tabela 2 – Áreas com ocorrência do termo artesão no evento ENANPAD 2000	46
Tabela 3 – Áreas com ocorrência do termo artesão no evento EnANPAD 2007	47
Tabela 4 – Áreas com ocorrência do termo artesão no evento EnANPAD 2008	48
Tabela 5 – Ocorrência do radical "empreend" nos artigos e suas áreas com termo artesão, EnANPAD, 1999-2008.....	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características mais frequentemente percebidas nos empreendedores, segundo alguns comportamentalistas	23
Quadro 2 – Fatores que influenciam uma pessoa a ser um empreendedor.....	25
Quadro 3 - Divisões Acadêmicas e Áreas Temáticas da ANPAD a partir de 2007 ...	42
Quadro 4– EnANPAD 1999.....	50
Quadro 5 – EnANPAD 2000.....	51
Quadro 6 – EnANPAD 2001.....	52
Quadro 7 – EnANPAD 2002.....	52
Quadro 8 – EnANPAD 2003.....	53
Quadro 9 – EnANPAD 2004.....	54
Quadro 10 – EnANPAD 2005.....	55
Quadro 11 – EnANPAD 2006.....	57
Quadro 12– EnANPAD 2007.....	58
Quadro 13– EnANPAD 2008.....	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Tema.....	11
1.2 A problemática de pesquisa.....	12
1.3 Objetivo do Trabalho.....	14
1.3.1 Objetivo Geral.....	14
1.3.2 Objetivos Específicos	14
1.4 Justificativa.....	15
1.5 Estrutura do Trabalho	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 O que significa o termo empreendedor?.....	17
2.2 Histórico acerca do estudo sobre o empreendedor.....	19
2.3 Principais correntes de estudos sobre empreendedor.....	21
2.4 Características empreendedoras para o surgimento e resultado de um empreendimento	22
2.5 Mitos sobre os empreendedores	26
2.6 O empreendedor artesão	29
2.6.1 O artesanato	29
2.6.2 O artesão	32
3 METODOLOGIA	38
3.1 Procedimentos para coleta das informações	40
3.2 Procedimento para análise das informações	41
4 SOBRE A ANPAD	42
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	45
5.1 Termo Artesão e o EnANPAD.....	45
5.2 A Relação Artesão e Empreendedorismo	48
6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	64
REFERÊNCIAS.....	66

1 INTRODUÇÃO

1.1 Tema

O empreendimento artesanal vem cada vez mais se caracterizando como potencial gerador de emprego e renda, o que pode contribuir não somente para um desenvolvimento econômico, mas também, de ordem social. Segundo Dolabela (1999) com o advento da globalização, o Brasil tem colocado as pequenas e médias empresas como principais geradoras de emprego.

Indivíduos empreendedores são cruciais ao aparecimento de novos empreendimentos. Por meio de ações reformuladas, eles criam e viabilizam seus negócios e empresas e buscam rentabilidade e sustentabilidade (LONGEN, 1997).

O êxito da realização de um negócio está ligado a atribuições e a procedimentos de seus realizadores, que devem atrelar conhecimentos e persistência com o objetivo de crescer, desenvolver e se fazer presente no mercado (SANTOS, 1995).

Estratégias de sobrevivência podem ser geradas por grupos de empreendedores que, de maneira organizada ou não, almejam competitividade e sobrevivência no cenário atual. Isso pode implicar desintegração das empresas em pequenas unidades e crescentes parcerias de grandes empresas com as de pequeno e médio porte. Várias atividades passam a ser distribuídas a pequenos empreendimentos independentes.

Santos (1995), citado por Hilário Neto (2004, p.46) afirma que:

um empreendedor não deve esquecer-se, sempre que possível, de procurar acrescentar valor para a sociedade, gerando emprego, renda e promovendo eventos sociais tais como campanhas de conscientização da população, contribuindo assim para o desenvolvimento econômico e social do país. Os valores sociais vêm ganhando cada vez mais força dentro a sociedade empreendedora atualmente.

Após análise de conceitos de diversos autores que trataram da temática, ressaltando Souza Neto (2001), Acioli (2003), Young (1990) e Dolabela (1999), nota-se que empreendedores do artesanato, objeto de estudo desta dissertação, são aptos a criar benefícios econômicos e sociais, para a comunidade e para todo o país. Aliados, estes possibilitam economia em grande escala e maior poder de troca nas negociações, visto que são produzidas peças ou objetos em grande quantidade.

Por um prisma lato, mais global e também mais regional, o artesanato vem se tornando uma atividade que gera grande desenvolvimento econômico e social. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (2009) reconhece o papel cultural e sócio-econômico do artesanato para comunidades, povos e países. O planejamento da UNESCO ressalta a conservação e a consolidação do artesanato, promovendo o diálogo e a troca de informações entre artesanato e *design*, com pontos de vista separados, mas interdependentes na mesma realidade criativa e econômica. Segundo Yair (2001), essa estratégia é denominada alianças lucrativas. Em consonância com o Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento da UNESCO, Cuéllar (1997) afirma que a perspectiva é de que o artesanato represente cerca de um quarto das microempresas no mundo em crescimento.

No Brasil, o artesanato é considerado como sistema de produção, representando empreendimento econômico. Pode ser visto, também, como instrumento estratégico de desenvolvimento regional, pois está presente em grupos populacionais em grande escala. Assim, o aprimoramento da cultura de empreendimento para o artesanato é importante, por ser ele uma das principais manifestações culturais do país (RIBEIRO, 1983).

1.2 A problemática de pesquisa

As frequentes e complexas transformações no mundo atual demandam competência para alternativas variadas que possibilitem adequação, evolução e sobrevivência das organizações. Em contrapartida, o desenvolvimento tecnológico fornece

incentivo à criação e à recriação de condições para o desenvolvimento de novas ações empreendedoras, fazendo com que as organizações procurem novas direções e novas conquistas. Isso é inovação; idéias em nível individual são socializadas e institucionalizadas pelo mercado, despertando a crítica e possibilitando novas alternativas. A percepção e a utilização de oportunidades, no meio empresarial, atreladas à criação de novas formas de uso de recursos, podem ser indicadores de empreendedorismo (SOUZA, 2005).

Para Dolabela (2000), o que distingue o empreendedor de outros agentes organizacionais é a capacidade de visão, ou seja, projetos que envolvam elementos de inovação e que se afastem de moldes existentes. Geralmente, essas visões são edificadas em torno de oportunidades de negócio percebidas no mercado. A partir das visões, é desenvolvido um conjunto de interações. Isso leva a uma conclusão: além de definir visões, uma das particularidades do empreendedor é sua habilidade de gerar relacionamentos.

O empreendedor artesão procura revigorar suas atividades através da abertura de novas dimensões mercadológicas que apontam o artesanato brasileiro como condutor de elementos culturais, gerando trabalho e renda e, conseqüentemente, adquirindo uma função social que emblema autenticidade e promove a educação (PEREIRA, 1979).

Segundo Pereira (1979), citado por Freitas (2006, p.29): “o artesanato proporciona mais emprego e produção com menos dispêndio de capital e, por isto, se torna importante fator de fomento social e econômico”.

Da mesma forma, Cuéllar (1997), citado por Freitas (2006, p.29), afirma que: “as unidades de produção artesanal podem ser instaladas com investimento praticamente zero, particularmente nas comunidades em que as tradições permanecem vivas”.

Para Maturana (2001), os núcleos artesanais não são planos de grupos sociais de sobrevivência ao sistema. São formas ou estratégias de produção que sobrevivem paralelamente ao processo industrial. Ofuscado pelo domínio dos processos

empresariais, o modelo de produção artesanal foi ignorado pelas teorias administrativas. Mas o artesanato representa uma forma de disputa ou de tentativa de volta à forma original de produção, divergindo do modelo de produção econômica dominante no mundo contemporâneo. Ele aparece como opção amadurecida para a criação de ocupação e a promoção do desenvolvimento regional e territorial na atualidade.

Nesse sentido, pretende-se elucidar se o artesanato é tema de interesse da academia, especificamente na área da administração, e se tem relação com empreendedorismo.

1.3 Objetivo do Trabalho

1.3.1 Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa é identificar se o Encontro Nacional Programas de Pós-graduação em Administração – EnANPAD, dos últimos 10 anos, trata o tema artesanato e se existe relação com empreendedorismo.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar os artigos relacionados ao termo artesanão;
- b) Analisar os objetivos principais dos artigos com ocorrência do termo artesanão;
- c) Verificar se nestes artigos existe relação com tema empreendedorismo, e;
- d) Analisar se existe maior frequência em alguma área do conhecimento da academia.

1.4 Justificativa

A importância do tema em discussão é caracterizada pela representatividade que as pequenas empresas de artesãos bem administradas e competitivas podem propiciar sobre o desenvolvimento econômico regional e conseqüentemente nacional, considerando a alta taxa de empregabilidade que elas podem proporcionar, convertendo-se em grandes criadoras de postos de trabalho para a população, satisfazendo a necessidade do governo em seu papel social.

De acordo com o Programa do Artesanato Brasileiro – PAB (2008), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC, o segmento artesanal brasileiro envolve 8,5 milhões de pessoas em suas cadeias produtivas, movimentando cerca de R\$ 28 bilhões por ano.

Além disso, a importância deste estudo justifica-se por razões que demonstram a importância desempenhada pelas pequenas empresas no Brasil, dentre as quais citam-se:

- a) As pequenas empresas são responsáveis pelo aumento das taxas de emprego;
- b) Formam-se novas geradoras de impostos com capacidade para ampliar oferta de produtos;
- c) Fomentam a concorrência de preços e qualidade (DOLABELA, 1999).

Para Dornelas (2001), a formação empreendedora em nosso país está ligada diretamente ao grande número de novos empreendimentos gerados anualmente, o que torna esse assunto bastante importante e relevante.

1.5 Estrutura do Trabalho

Este trabalho apresenta-se distribuído em cinco capítulos, sendo este primeiro a introdução. Como visto anteriormente, na introdução foram feitas uma breve reflexão sobre o tema, a apresentação da problemática da pesquisa, a exposição da justificativa e a especificação dos objetivos pretendidos.

No segundo capítulo será apresentado um referencial teórico a partir da bibliografia disponível sobre o tema. Esse quadro teórico foi estruturado em seis subseções:

- a) O que significa o termo empreendedor;
- b) Histórico acerca do estudo sobre o empreendedor;
- c) Principais correntes de estudos sobre o empreendedor;
- d) Características empreendedoras para o surgimento e resultado de um empreendimento;
- e) Mitos e realidades sobre os empreendedores;
- f) O empreendedor artesão.

O terceiro capítulo é formado pela proposição metodológica, que tem por objetivo descrever o tipo de pesquisa, as técnicas e os instrumentos que serão utilizados para o desenvolvimento da pesquisa.

O quarto capítulo é formado pela contextualização da ANPAD.

No quinto capítulo, são apresentadas a descrição e a análise dos dados.

O sexto capítulo refere-se às conclusões e às recomendações.

Encerrando o trabalho, são apresentadas as referências utilizadas na construção deste trabalho de dissertação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente referencial teórico será apresentado nas seguintes etapas: a primeira apresenta as descrições do que vem a ser o termo empreendedor, o indivíduo empreendedor e um breve histórico sobre o desenvolvimento dos estudos sobre empreendedores.

Na segunda etapa são relacionadas as principais correntes de estudos sobre os empreendedores. Na terceira etapa são relacionadas as principais características dos empreendedores apontadas por alguns autores. Na quarta etapa são relacionados os fatores que influenciam uma pessoa a ser tornar um empreendedor. Na quinta etapa são apresentados mitos e realidades acerca dos empreendedores. Na sexta e última etapa é apresentada uma descrição do empreendedor artesão e sua importância para a economia brasileira.

2.1 O que significa o termo empreendedor?

O termo empreendedor deriva do verbo em francês *entreprendre*, que significa começar, que para os empreendedores significa começar um negócio próprio, segundo Rodrigues (1998).

Para Dolabela (1999), o significado do termo empreendedor varia conforme o país e a época. No final do século XVII significava “fazer qualquer coisa”, no final do século XIX e início do século XX, o termo foi usado em referência aos pioneiros das indústrias, como *Ford, Toyota, Peugeot* entre outros.

No cotidiano, o termo define toda pessoa que começa um negócio; mas não se pode considerar uma pessoa como empreendedora pelo motivo acima mencionado, pois essa definição é muito ampla.

Dornelas (2001), ao concluir uma pesquisa sobre significação do termo empreendedor salienta que a literatura referente ao assunto apresenta-se relativamente farta.

Nas décadas de 80 e 90, alguns pesquisadores, clássicos e contemporâneos, definem o empreendedor de forma variada. Para Schumpeter (1982), o empreendedor é o ponto central da inovação, confirmando sua capacidade de criar novos negócios. Casson (1982) define o empreendedor como alguém especializado em decidir questões importantes. Timmons (1985) diz que o empreendedor é uma pessoa com habilidade criativa que procura a construção de alguma coisa a partir do nada. É muito criativo e tem energia para construir uma empresa, fazendo o possível para colocar do seu lado vantagens, reduzindo assim possibilidades de fracasso.

Na década de 90, Gerber (1996) refere-se ao empreendedor como um ser idealista, cheio de energia. Com idéias seguidas de ação, ele é capaz de promover grandes transformações, que resultam em crescimento econômico.

Para Fillion (1999), o empreendedor é uma pessoa possuidora de habilidade detectora de oportunidades, isto é, a sua experiência o faz capaz de imaginar, criar e realizar suas idéias.

Dornelas (2001, p.39) afirma que:

O empreendedorismo é a força que existe por trás da inovação e do crescimento sustentável na maioria das economias prósperas. Através dele, novas idéias e abordagens, tecnologias avançadas, ferramenta para o incremento da produtividade e produtos de alto valor agregado são continuamente introduzidos nos negócios e nos mercados, contribuindo fortemente para a permanência da mudança na sociedade.

Empreendedores são grandes merecedores de valorização e respeito, ressalta Dornelas (2001), pois são responsáveis pela geração de riquezas e conseqüentemente, são contribuintes diretos para o processo de desenvolvimento do país.

2.2 Histórico acerca do estudo sobre o empreendedor

Segundo Dees (1998, p. 55-67), o termo “empreendedor” surgiu na economia francesa por volta dos séculos XVII e XVIII.

Em francês, significa aquele que se compromete com um trabalho ou uma atividade específica e significativa. Mais especificamente, veio para ser usado para identificar indivíduos ousados que estimulavam o progresso econômico buscando novas e melhores formas de fazer as coisas. O economista francês mais comumente reconhecido por dar a tal expressão esse significado particular é Jean Baptyste Say. Escrevendo na virada do século XIX, ele o emprega neste sentido, o empreendedor move recursos econômicos de uma área de baixa para uma área de maior produtividade e grande retorno.

Segundo Dornelas (2001), no século XVII começaram a surgir os primeiros sinais relacionando o empreendedor a alguém que assume riscos.

De acordo com Dornelas (2001), entre o final do século XIX e século XX, os empreendedores foram vistos como gerentes ou administradores pelo prisma econômico, ou seja, como aqueles que organizam, pagam os empregados, planejam, dirigem e controlam as ações promovidas na empresa, porém a serviço do capitalismo.

Lopes (1999) e Dornelas (2001) referem-se a Richard Cantillon, um importante escritor e economista irlandês como sendo o primeiro a distinguir o empreendedor (quem assumia risco) do capitalista (que fornecia o capital).

Para Dornelas (2001), o empreendedorismo é uma área de estudo mais recente do que a administração. O empreendedor é também administrador com algo mais, ou seja, caracteriza-se pelo idealismo e exploração das oportunidades. Entretanto, quando a empresa cresce, os empreendedores encontram dificuldades para tomar decisões cotidianas nos negócios, pois se preocupam mais com planejamentos, com os quais se sentem mais à vontade.

Do final da década de 40 até a década de 50, Lopes (1999) descreve os estudos acerca do empreendedorismo elaborados pelo Centro de Pesquisa da *Harvard*

University. Esse Centro de Pesquisa desenvolveu importantes trabalhos, como a constatação de que a alta necessidade de realização dos empreendedores estava ligada não só ao seu perfil, mas também à sua necessidade de sempre buscar novidades. Na década de 1960, a *Michigan University* assumiu destaque nas investigações sobre o indivíduo empreendedor.

Segundo Lopes (1999), houve um grande impulso sobre os estudos do processo empreendedor nos Estados Unidos. Ele enfatiza o *Babson College*, que realizou conferências na área; fato que se desenvolveu em conjunto com outras universidades do país.

Garcia (2000) diz que o estudo acerca do empreendedorismo vem crescendo com publicações de milhares de livros e artigos no mundo. A literatura sobre empreendedorismo é relativamente abundante, mas os temas são variados, como: o processo de geração de empresa, *franchising*, identificação de oportunidades, tendência em assumir riscos, entre outros. Dolabela (1999) afirma que existem 23 áreas de estudo relacionadas com o empreendedorismo no mundo.

O empreendedorismo ganhou força no Brasil, na década de 1990, com a criação de entidades como o Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio às micro e pequenas empresas e a Softex – Sociedade Brasileira para Exportação de *Software*.

O ambiente político no Brasil até a década de 1990 não era propício para o desenvolvimento de empreendedores. Havia dificuldade na busca de informações que pudessem promover o desenvolvimento de possíveis empreendedores, assim como consultorias para dar suporte ao pequeno empresário na resolução de problemas administrativos.

Esse quadro mudou significativamente com ações que visam desenvolver um dos maiores programas de ensino de empreendedorismo e potencializam o país perante o mundo neste século. Dornelas (2001, p. 25-26) cita alguns exemplos:

1) Os programas SOFTEX e GENESIS (Geração de Novas Empresas de Software, Informação e Serviço), que apóiam atividades de empreendedorismo em software, estimulando o ensino da disciplina em universidades e a geração de novas empresas de software (*start-ups*).

2) Ações voltadas à capacitação do empreendedor, como os programas EMPRETEC e Jovem Empreendedor do SEBRAE. E ainda o programa Brasil Empreendedor, do Governo Federal, dirigido à capacitação de mais de 1 milhão de empreendedores em todo país e destinando recursos financeiros a esses empreendedores, totalizando um investimento de oito bilhões de reais.

3) A recente explosão do movimento de criação de empresas de Internet no país, motivando o surgimento de entidades com o Instituto e-cobra, de apoio aos empreendedores das *ponto.com* (empresas baseadas em Internet), com cursos, palestras e até prêmios aos melhores planos de negócios de empresas *Start-ups* de Internet, desenvolvidos por jovens empreendedores.

4) Finalmente, mas não menos importante, o enorme crescimento do movimento de incubadoras de empresas no Brasil. Dados da ANPROTEC (Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas) mostram que em 2000, havia mais de 135 incubadoras de empresas no país, sem considerar as incubadoras de empresas de Internet, totalizando mais de 1.100 empresas incubadoras, que geram mais de 5.200 empregos diretos.

Segundo Dornelas (2001), um fator a ser superado no Brasil é a falta de valorização dos empreendedores de sucesso. Visto que não são raras as vezes em que empreendedores são apontados como sortudos, ou é dito que venceram por meios alheios a sua competência.

2.3 Principais correntes de estudos sobre empreendedor

Segundo Barini Filho (2003), o empreendedorismo é bastante focado por psicólogos e economistas, bem como por outros profissionais como sociólogos e administradores.

Com intuito de entender o empreendedor em seus mais variados aspectos, Kuratko e Hodgetts (2001), citados por Barini Filho (2003), analisam as correntes de pesquisas que desenvolvem trabalhos na área. Essas correntes são:

a) Ambientalista: a iniciativa, a independência e a autonomia dos empreendedores são valorizadas por essa corrente de pesquisa. O ambiente

é o fator externo para o estudo; assim a ação empreendedora tende a ser mais forte em lugares que permitem expressão com maior liberdade;

b) Financista: estuda o empreendedor como um fenômeno dependente da formação de capital. Esse estudo enfoca lucratividade e fluxo de caixa como resultado dos negócios em suas várias etapas;

c) Deslocamento social: os estudos têm como ênfase os fatores sócio-econômicos a saber: imigração forçada, tradição regional ou de etnia, desenvolvimento setorial e recessões econômicas;

d) Traços de personalidade: enfocando-se traços de personalidades dos empreendedores bem-sucedidos podem ser desenvolvidas técnicas de orientação a outros indivíduos do mesmo patamar de sucesso;

e) Oportunidade: o estudo sobre o empreendedor de sucesso e suas motivações estão diretamente relacionados à ação de identificar a oportunidade correta e o momento mais adequado de colocar planos em prática;

f) Formulação estratégica: valorizam-se ações de planejamento envolvendo sucesso ou insucesso de um empreendedor, apontando erros e acertos. Porém o sucesso se sobressai se for feita uma maior discussão sobre trabalhos desenvolvidos em parceria com outras áreas de estudo.

2.4 Características empreendedoras para o surgimento e resultado de um empreendimento

Não há um consenso referente às características de uma pessoa empreendedora. Na literatura, alguns estudiosos desenvolveram abordagens que destacam características próprias e singulares do empreendedor. À luz dessas considerações

procurou-se realizar um levantamento das características mais citadas como empreendedoras, para que se pudesse estabelecer um perfil do empreendedor.

A seguir, no Quadro 1 serão descritas as características consideradas como fundamentais pelos estudiosos, ou seja, que implicam no desenvolvimento do sucesso empreendedor:

(continua)

AUTORES	CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS
Santos (1995)	Agressividade ordenada. Criatividade. Liderança. Persistência. Flexibilidade. Busca de novas oportunidades. Eficiência e eficácia. Confiança. Saber correr riscos. Independência. Incentivo. Capacidade analítica. Resistência ao enfrentar dificuldades. Otimismo. Coragem. Saber postergar. Administrar bem o tempo.
Longenecker (1997)	Necessidade de obter êxito. Disposição para assumir riscos moderados. Autoconfiança. Independência. Busca pela informação. Ativos.
Dolabela (1999)	Autonomia. Autoconfiança. Realização. Perseverança. Intuição. Aprimoramento profissional. Ser trabalhador incansável. Idealismo. Criatividade. Liderança. Rede de relações. Transformar as ideais em ações. Persuasão. Polivalência. Capacidade de assumir riscos moderados.

AUTORES	CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS
Garcia (2000)	Busca de oportunidade. Iniciativa Persistência. Comprometimento. Busca pela qualidade. Eficiência. Correr riscos calculados. Estabelecer metas. Busca de informações. Planejamento e monitoramento sistemáticos. Persuasão Manter rede de contato. Independência. Autoconfiança
Degen (2000)	Necessidade de realização. Disposição para assumir riscos. Polivalência. Autoconfiança. Perseverança. Persuasão. Flexibilidade. Paciência. Criatividade. Rede de relações. Poder de negociação.
Dornelas (2001)	Idealismo. Facilidade em tomar decisões. Explorar as oportunidades. Determinação. Dinamismo. Dedicção. Otimismo. Independência. Liderança. Organização. Planejamento. Capacidade para assumir riscos calculados.
Tachizawa e Faria (2002)	Idealismo. Primar pela qualidade do produto ou serviço. Força interna. Trabalhar acima da média.
Bernardi (2003)	Dominância. Agressividade. Persistência. Flexibilidade. Habilidade de equilibrar sonho e realização. Propensão ao risco. Dinamismo. Autoconfiança. Criatividade. Planejamento. Razão. Intuição. Realização.

Quadro 1 - Características mais frequentemente percebidas nos empreendedores, segundo alguns comportamentalistas. Fonte: Elaborado pelo autor.

Em qualquer definição de empreendedorismo encontram-se, pelo menos, as seguintes características comuns referentes ao empreendedor: são determinados e dinâmicos, são dedicados e otimistas, são líderes e formadores de equipes, assumem riscos calculados, são organizados, têm iniciativa para criação e inovação.

Bernardi (2003) citado por Hilário Neto (2004, p.52) ressalta que:

somente as características empreendedoras e boas idéias não são suficientes para se chegar ao sucesso de um negócio. Para isso, o empreendedor deve desenvolver uma integração de criatividade, planejamento e realização.

Segundo Dornelas (2001), há uma gama de fatores que podem insuflar uma pessoa a ser um empreendedor:

FATORES	
Ambientais	Oportunidade. Competição. Políticas públicas. Recursos naturais.
Sociais	Influência familiar. Equipes de trabalho. Rede de relacionamentos. Empatia.
Pessoais	Disposição para assumir riscos moderados. Insatisfação com o trabalho. Experiência profissional. Realização pessoal. Demissão. Idade avançada para inserção no mercado de trabalho.

Quadro 2 – Fatores que influenciam uma pessoa a ser um empreendedor.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Segundo Dornelas (2001), ser empreendedor requer desenvolver atividades ligadas à identificação de oportunidades de mercado, ao planejamento organizacional e à administração. A identificação de oportunidades e o planejamento são os pontos mais fortes de um empreendedor, pois são atividades ligadas à capacidade de criação e essas características estão fortemente ligadas aos empreendedores de sucesso.

2.5 Mitos sobre os empreendedores

Muito se fala sobre empreendedores como indivíduos cuja vida é repleta de circunstâncias envolvendo sorte ou sagacidade. Mitos ou realidades? Ou as duas coisas? A respeito dos empreendedores também são lançados vários estereótipos, que muitas vezes não correspondem à realidade. Veremos a seguir os mitos e realidades que dizem respeito aos empreendedores, conforme Timmons (1990) citado por Dolabela (1999).

a) Mito 1: Empreendedores são indivíduos inatos;

Realidade: apesar de uma certa inteligência, poder criativo e disposição, a formação deles está ligada a habilidades importantes juntamente à experiência favorecendo assim, sua capacidade empreendedora.

b) Mito 2: Qualquer pessoa pode iniciar um empreendimento;

Realidade: é necessário que o empreendedor consiga perceber a diferença entre idéia de realização e oportunidades para desenvolvê-la com chances de sucesso.

c) Mito 3: Empreendedores são aventureiros;

Realidade: empreendedores de sucesso avaliam muito os riscos que envolvem seus negócios. Tentam influenciar as probabilidades, e com bastante frequência, procuram atrair outros para dividirem os riscos ligados ao negócio eminente.

d) Mito 4: Empreendedores querem os aplausos somente para si;

Realidade: é comum se falar dos empreendedores como se fossem pessoas arrogantes, que se colocam em posição superior e únicos responsáveis pelo seu êxito. Porém, se autoprivilegiar pode prejudicar o desenvolvimento da organização. Os empreendedores bem sucedidos, normalmente, constroem uma equipe e trabalham com o objetivo de agregar, somar lucros ao invés de tirar a maior parte deles, prejudicando o progresso econômico da empresa.

e) Mito 5: Empreendedores são seus próprios manda-chuvas e rejeitam a sujeição;

Realidade: em relação ao comando das empresas, os empreendedores, embora sejam os líderes, eles, na realidade, estão sujeitos às opiniões e até mesmo às vontades de sócios, investidores, clientes, fornecedores, empregados, família, comunidade e da sociedade com um todo. Entretanto, eles têm o poder de escolha sobre qual das exigências ou vontades eles irão acatar e em que tempo isso poderá ocorrer.

f) Mito 6: O tempo de trabalho dos empreendedores é mais longo do que o dos demais gerentes em grandes organizações;

Realidade: O tempo de trabalho de indivíduos empreendedores é outro fator bastante discutível, visto que não há comprovações em pesquisas de que os empreendedores trabalhem mais do que os gerentes. As conclusões de pesquisas às vezes dizem que sim, e às vezes dizem que não.

g) Mito 7: Empreendedores são acometidos por um estresse exacerbado e pagam um alto preço por isso;

Realidade: em decorrência de muitos compromissos profissionais, crises financeiras, é de se esperar que empreendedores sofram mais por estresse e que adoçam mais, em comparação a outros profissionais. Porém, não existem comprovações de que essa seja a realidade, pois os empreendedores, na maioria das vezes, veem seu trabalho até mesmo como fator importante para sua saúde, e isso torna-se muito gratificante.

h) Mito 8: Iniciar um empreendimento é intrépido e normalmente termina em falência;

Realidade: o empreendedor começa um negócio consciente de que o risco frequente de falências existe, mas quando ele consegue identificar e aproveitar as oportunidades, ele alcança o sucesso, até porque é a empresa que corre o risco de falência, o empreendedor não. Além disso a falência da empresa pode até funcionar como aprendizado, fazendo com que o indivíduo não cometa os mesmos erros.

i) Mito 9: Dinheiro é o ponto crucial para iniciar um empreendimento;

Realidade: o dinheiro é fator importante para o investimento em um negócio, mas não é o principal, visto que, se o empreendedor não tiver talento para administrar, o fracasso será inevitável.

j) Mito 10: Empreendedores devem ser juvenis e dotados de firmeza;

Realidade: a idade é muito discutida acerca desse tema. Acredita-se que a juventude com maturidade seja o ideal, mas que a idade em si não represente impedimento para empreender, uma vez que o importante é o conhecimento, a experiência e as redes de contato, fatores esses que facilitam muito o reconhecimento de oportunidades de negócio.

l) Mito 11: Empreendedores são motivados pela busca de altos salários;

Realidade: a busca por altos salários é algo que se espera, porém o imediatismo relacionado a isso pode prejudicar negócios promissores que poderão trazer a, longo prazo, ganhos reais assim como realização pessoal e o controle de suas ações.

m) Mito 12: Empreendedores buscam exercer o controle sobre terceiros;

Realidade: o objetivo maior dos indivíduos empreendedores, ao contrário do que se pensa, não é controlar terceiros, mas buscar realização, resultados e isso com muita responsabilidade.

n) Mito 13: Empreendedores são pessoas que se sentem impelidas à solidão;

Realidade: Os empreendedores de sucesso muitas vezes são vistos como pessoas à parte, isoladas, mas isso não se comprova. Elas são pessoas sociáveis no que se refere à formação de grandes equipes, mantendo grandes relacionamentos com iguais, diretores, investidores, fornecedores e outros como instituições financeiras e empregados.

o) Mito 14: Se o empreendedor é extremamente inteligente, o sucesso de seu empreendimento vai ocorrer em um ou dois anos no máximo;

Realidade: a idéia de imediatismo é erroneamente atrelada ao empreendedor talentoso que espera o sucesso a curto prazo. Mas os negócios sólidos não

são compatíveis com isso. O sucesso também depende da paciência com o tempo que pode ser de três a quatro anos, para que se possa colher resultados positivos provenientes de todo esforço e investimento do empreendedor.

p) Mito 15: Se um empreendedor tem capital inicial considerável, jamais poderá perder a chance;

Realidade: é inegável a relevância do capital inicial para que se possa realizar um negócio, entretanto, esse fator pode provocar incentivo exagerado, fazendo com que o empreendedor perca de vista o objetivo de começar o negócio com responsabilidade; e isso pode implicar grandes decepções, muitas vezes com grandes chances de irreversibilidade.

O que foi mencionado acima deve ser encarado como um manual de orientação ao empreendedor que deseja obter sucesso acima de tudo, e principalmente em relação aos mitos que envolvem o empreendedorismo (DOLABELA, 1999).

2.6 O empreendedor artesão

Young (1990) aponta tipos de empreendedores entre os quais se destaca o empreendedor-artesão que é a pessoa essencialmente técnica e que procura instalar um negócio independente para a prática do seu ofício.

2.6.1 O artesanato

Segundo Rugiu (1998), o artesanato se apresenta como componente diário na vida do homem, como atividade primitiva. Ele surgiu a partir de necessidades como alimentação, proteção e como forma de expressão. O conhecimento empírico, isto é, conhecimento adquirido através de experiência de vida, estabelecendo desenvolvimento de ocupações específicas na formação social, fez com surgissem

artesãos de diversos gêneros. Mecanismos de barganha que fomentavam a economia promoveram habilidades técnicas e criativas, originando a formação de grupos sociais que produziam e se organizavam como clãs; normalmente grupos corporativos como família, tribos e quilombos, estes com alusão aos escravos brasileiros. A atividade artesanal girava em torno da produção, do produto final e de seu comércio.

Segundo Pereira (1979), na Grécia do século V a.C., o artesanato era definido como artes industriais ao mesmo tempo em que havia a predominância de indústrias domésticas. Ainda Rugiu (1998) afirma que nas corporações medievais existia a arte liberal, que é a produção através de idéias, e a arte mecânica, que é a produção de mercadoria, ou seja, duas vertentes de artesanato.

Para Moraes Neto (1996), apesar de o artesanato ter dado uma importante contribuição ao desenvolvimento da manufatura, a manufatura contribuiu para a sua marginalização, em decorrência da modernização produtiva das sociedades pré-capitalistas. As ações de continuidade ou de repetição eram caracterizadas pelo sistema de produção. O artesanato sofreu decomposição de ofício em operações parciais pelo estabelecimento da manufatura, culminando na divisão do trabalho. A divisão de tarefas gerava aumento da produtividade do trabalho, resultando em produtos com custos mais baixos.

Segundo Marx (1980), já que para o consumidor final, usuário e comprador, o que importava era o valor utilitário e o custo acessível, a produção se acelerava, fazendo com que o artesão perdesse o exercício de seu ofício. Inicialmente, tanto a manufatura quanto o artesanato não se distinguiam senão pela quantidade maior de trabalhadores. Naquela fase do capitalismo, o objetivo era a adequação da capacidade de produção, isto é, trabalhar até o limite. Com o desenvolvimento de equipamentos, teve início a evolução da manufatura.

Segundo Pereira (1979), no Brasil-Colônia, devido à expansão populacional, o artesanato se diversificou e se desenvolveu conforme a demanda e a oportunidade, embora não fossem os artesãos considerados muito experientes. A produção artesanal dependia das necessidades das aldeias, vilarejos e fazendas. Com o

avanço urbano, o artesanato se desenvolveu em melhores condições, aprimorando-se cada vez mais. Ainda nesse processo de desenvolvimento, o artesanato recebeu contribuições estéticas, produtivas e educativas vindas de Portugal. Porém, a industrialização fez com que o artesanato se tornasse uma atividade atrelada ao folclore, à cultura popular ou a trabalhos de presidiários e *hippies*, sendo excluído da dimensão do trabalho formal, desencadeando o desaparecimento de algumas dessas atividades ou atribuindo-lhes novas configurações.

O artesanato destaca-se como elemento cultural, representando a autenticidade e promovendo a educação. Pelo prisma econômico, é atividade geradora de trabalho e renda, e ganha função social. O artesanato pode ser feito em qualquer lugar e tempo contribuindo pra melhor qualidade de vida (PEREIRA, 1979).

Segundo Pereira (1979), o artesanato gera emprego e produção requer menos custo, tornando-se fator de incentivo social e econômico. Em consonância, Cuéllar (1997) diz que unidades produtoras de artesanato podem se instalar a custo zero, principalmente em comunidades onde as tradições estão vivas.

Souza (1991), citado por Freitas (2006, p.29) afirma que:

A conceituação do artesanato é uma tarefa difícil, ante a polêmica existente entre aqueles que procuram defini-lo como uma atividade sócio-econômica e os que a definem como uma atividade que expressa a cultura de um povo, região ou raça.

Ribeiro (1983) afirma que o artesanato abrange um rol de técnicas, o uso de certas matérias-primas, bem como um conjunto de elementos decorativos, às vezes peculiar de certas seções residenciais, conjuntos domésticos ou mesmo pessoas. A junção desses métodos seletivos são dotados de informações de caráter harmonioso, simbólico-religioso, social e étnico, representando um estilo tribal ou o macro estilo, apropriado a uma esfera cultural.

Lima e Azevedo (1982, p.18) enfocam o processo produtivo, definindo o artesanato como:

[...] uma atividade predominantemente manual de produção de bens, exercida em ambiente doméstico ou pequenas oficinas, postos de trabalho

ou centros associativos, no qual se admite a utilização de máquinas ou ferramentas, desde que não dispensem a criatividade ou a habilidade individual e de que o agente produtor participe, diretamente de todas ou quase todas as etapas da elaboração do produto.

Um conceito de artesanato escolhido como referência para a realização deste trabalho é o apresentado por Souza (1991), citado por Freitas (2006, p.29):

[...] é uma atividade com finalidades comerciais, que pode ser desenvolvida com ou sem o uso de máquinas rudimentares, onde predomina a habilidade manual e a criatividade de seu agente produtor, e desde que a sua produção não se realize em série.

O artigo 57 da Constituição Brasileira de 1937 apresenta o artesanato como uma das condições de ocupação produtiva favorecidas pelo Estado, constituindo, ao lado da indústria, um dos segmentos do Conselho de Economia Nacional (SALLES, 1977).

Através do Decreto nº. 80098 de 1977 foi criado pelo Governo Federal o Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato objetivando a união das esferas de ações dos diversos órgãos existentes no Brasil, agrupando o modo de atuar e fazendo com que os mencionados enfoques se complementem ocasionando uma ação combinada e conseqüentemente, mais eficaz e eficiente. O permanente emprego de ações desse programa distende amplos caminhos para a ascensão do artesanato, convertendo-o em vivacidade produtiva, fomentadora do homem, propagadora da cultura, legitimadamente organizada, interna e externamente. (PEREIRA, 1979).

2.6.2 O artesão

Os caminhos do artesanato no Brasil foram dificultados por um contexto de depreciação do trabalho manual em regime de escravidão, em ambiente de constante instabilidade administrativa, de hipertrofia da lavoura latifundiária e da monocultura. Em nossa cultura, tais ofícios eram coisa de gentilha. Aqui, por exemplo, no tempo da colônia e do Império, nenhum homem livre queria exercer

uma atividade considerada “coisa de escravo”. Com isso, a aprendizagem de ofícios acabava sendo imposta a quem não tinha meios de resistir: os órfãos, os abandonados, os miseráveis, o que por sua vez reforçou o desvalor do ofício. Os missionários jesuítas foram os principais responsáveis pelo primeiro projeto sistemático de formação de mão de obra no Brasil, que marcou a organização da cultura colonial com preconceitos senhoriais quanto aos ofícios mecânicos, dificultando que aqui aportasse uma tradição artesanal mais fecunda (SOUZA NETO, 2001).

Segundo Souza Neto (2001), nas grandes cidades, o trabalho artesanal, historicamente, tinha como destino as feirinhas locais, lojas de aeroportos ou museus de folclore. A história dos artesãos, artistas com certo anonimato tem um roteiro com certas adaptações.

Segundo Vives (1983, p.137):

Qualquer que seja sua origem, raça ou nacionalidade, os artesãos têm um dom em comum: trabalham manualmente. E criam. Empregam como utensílios as mãos, instrumento incomparável, que máquina alguma poderá igualar, e dão formas a idéias e expectativas que, mesmo coletivas, recebem sua marca pessoal, como é o caso dos artesãos tradicionais. Os objetivos (objetos) que produzem, seja qual for o subsistema a que pertençam, não são únicos, como as obras de arte, mas jamais são idênticos a outros criados com a mesma finalidade, e até pelo mesmo autor. São objetos soberbos, singulares, cuja dupla valência traduz a tradição e seu intérprete. O homem e a cultura, expressos na grande liberdade do fazer manual.

Para Souto (2008), o artesanato em geral está muito presente na vida da sociedade, mas muitas vezes não é produzido pela insegurança do possível artesão em relação à sua capacidade criadora. Além disso, o artesão precisa ser um empreendedor, portanto, necessita ser dotado de características peculiares para poder sobreviver e obter o sustento da família, através de sua arte. O artesão que tira o sustento do seu trabalho tem características especiais denotadas pela forte presença da livre criação manual. Ele executa, normalmente sozinho, todas as etapas do processo de produção, divulgação, distribuição e comercialização do que produz.

Não é difícil para o artesão entender que as atitudes mobilizadoras em uma conduta empreendedora estão na necessidade de desenvolver suas próprias competências e de realizá-las através da prática e do aprendizado ininterrupto (FREITAS, 2005).

De acordo com Acioli (2003), uma nova alternativa para tirar os brasileiros da miséria começou a ser implantada pelo país. O caminho do crescimento econômico, como único fato gerador do desenvolvimento, perdeu força e ganhou espaço a idéia de promover o bem estar social, a partir de uma estrutura na qual a participação da sociedade civil, em conjunto com os governos federal, estadual e municipal, seria responsável por identificar o potencial produtivo da comunidade e criar condições melhores de vida.

Essa nova alternativa encontrou aliados e, atualmente, várias entidades trabalham com o conceito de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável (DLIS). O artesanato tem sido uma das vocações produtivas encontradas em várias regiões brasileiras. De acordo com Franco (1998, p.18) entende-se por Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável (DLIS):

Um novo modo de promover o desenvolvimento que possibilita o surgimento de comunidades mais sustentáveis, capazes de suprir suas necessidades imediatas, descobrir ou despertar suas vocações locais, desenvolver suas potencialidades específicas e fomentar o intercâmbio externo aproveitando-se de suas vantagens locais.

Para Meglio (2001), o desenvolvimento econômico local é um processo que propicia parcerias entre os setores público e privado de um determinado território, possibilita a união e desenho de uma estratégia comum de desenvolvimento por meio do uso dos recursos locais e da vantagem competitiva da região com o objetivo geral de criar empregos e estimular a atividade econômica.

Segundo Acioli (2003), no âmbito do trabalho de desenvolvimento econômico local, outro aspecto importante é despertar nas pessoas auto-estima e auto-confiança. Muitas vezes, os habitantes de comunidades mais carentes não acreditam em mudanças e não acreditam que podem ser agentes dessa transformação.

Atualmente, o artesanato tem crescido, caracterizando-se como um negócio e já começa a fazer parte das estatísticas oficiais. O que antes era considerado um setor não-representativo, hoje é concebido como verdadeiro vetor de desenvolvimento sociocultural e econômico, principalmente para as comunidades menos favorecidas, e seu fomento uma variável estratégica para um plano de desenvolvimento local, integrado e sustentável. Nessa perspectiva, de acordo com Souza Neto (2001, p.113),

[...] as possibilidades para o setor artesanal brasileiro são muitas. Só o fato de, respeitosamente, colocar o artesão dentro da arena cognitiva e tratá-lo como um empresário em potencial já constitui uma grande inovação e até uma destruição criativa.

Assim, o artesanato se consolida como uma organização social, fazendo parte de um cenário produtivo diferenciado que, na visão de Guerreiro Ramos (1989), é importante para a sanidade da vida humana associada. Este cenário é compatível com a sociedade da informação, pois o empreendimento artesanal deve ser intencional e não imposto por terceiros e instituições. Para reduzir os riscos de fracasso e descontinuidade, os empreendedores dos negócios artesanais devem exercer a cidadania ativa e, como cidadãos, estimular a agregação da sua rede comunal para o desenvolvimento e a melhoria da produção, contribuindo para a satisfação individual e coletiva.

Para ser um empreendimento econômico, o empreendedor de artesanato deve responsabilizar-se por formas de convivialidade produtiva que favoreçam os relacionamentos comunitários e contribuam para o fortalecimento do tecido social, que precisa ser recomposto na nossa era, mitigando as consequências do capitalismo desagregador e do individualismo exacerbado da pós-modernidade (FUKUYAMA, 2000).

De acordo com Xavier (2003), uma das alternativas jurídicas encontrada pelos artesãos a fim de se organizarem tem sido as cooperativas de trabalho que aparecem visando corrigir a distribuição da riqueza, bem como reduzir custos trabalhistas e atrair trabalhadores que encontram dificuldades para conseguir trabalho.

Para Dolabela (1999), levar os conhecimentos de cultura, auto-estima, cidadania, crescimento da cooperação às comunidades – principalmente às mais carentes – é criar condições para que elas, cada vez mais, articulem-se umas com as outras em associações, cooperativas, consórcios e outros tipos de enlaces organizacionais, visando à obtenção de níveis de produtividade, qualidade e, principalmente, à flexibilidade tão necessária para enfrentar as turbulências, descontinuidades e incertezas atuais. O papel de resgate da auto-estima, da cidadania, do crescimento e da maturidade que as cooperativas passaram a exercer na comunidade foi muito importante para o andamento e o desenvolvimento do empreendedorismo dos cooperados.

O artigo n.º 24 do revogado Decreto nº 22.239/32, que consolidou a regulamentação das cooperativas no Brasil, traz a seguinte redação:

São cooperativas de trabalho aquelas que, constituídas entre operários de uma determinada profissão, ou de ofício, ou de ofícios vários de uma mesma classe, têm como finalidade primordial melhorar os salários e as condições de trabalho pessoal de seus associados, e, dispensando a intervenção de um patrão ou empresário, se propõem a contratar obras, tarefas, trabalhos ou serviços, públicos ou particulares, coletivamente por todos ou por grupos de alguns.

Segundo Dolabela (1999), verifica-se a existência de alguns pontos que confirmam a relação entre artesanato e empreendedorismo e o desenvolvimento econômico e sociocultural, dentre os quais destacam-se:

- a) Aumento do PIB;
- b) Aumento das exportações;
- c) Geração de emprego e renda;
- d) Resgate e fortalecimento da cultura brasileira;
- e) Melhoria na qualidade de vida e resgate da auto-estima;
- f) Desenvolvimento auto-sustentado;
- g) Melhoria na distribuição de renda;
- h) Aumento do potencial turístico das cidades que divulgam e apoiam essa atividade;
- i) Economia de escala.

Os estudos apresentados concordam com o conceito elaborado por Dolabela (1999) que diz que o sucesso do empreendedor-artesão está na sua visão de mundo, pois foram as suas percepções do ambiente que determinaram as oportunidades e os problemas inerentes à atividade artesanal. Caso essa visão seja apropriada, os artesãos poderão identificar melhor qual a natureza e o tamanho do espaço de oportunidades, quem é o seu cliente, como as necessidades dos clientes estão mudando e se é necessário investir em tecnologia. Assim, os empreendedores artesãos estão encarando a diversidade cultural e a heterogeneidade como algo natural e fonte de oportunidades.

Todos os argumentos apresentados são pertinentes ao conceito elaborado por Dolabela (1999), que afirma ser o desenvolvimento social o tema central do empreendedorismo.

3 METODOLOGIA

Na estruturação da pesquisa da dissertação foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos. Quanto aos fins, o presente estudo pode ser caracterizado como uma pesquisa de caráter descritivo, uma vez que teve por objetivo, descrever se a academia procura retratar o artesanato, relacionado ao empreendedorismo como modo de produção econômica.

Quanto aos meios, para o desenvolvimento deste trabalho, foi utilizado um estudo bibliométrico com o objetivo de identificar nos artigos produzidos, nos últimos dez anos, nos Encontros Nacionais da Associação de Programas de Pós-graduação em Administração (EnANPAD 1999 a 2008), a ocorrência do termo artesão e se houve relação com tema empreendedorismo.

A bibliometria é uma importante “ferramenta estatística básica, utilizada na gestão da informação e do conhecimento científico e tecnológico” (GUEDES; BORSCHIVER, 2005, p.1).

Tratada como ciência bibliográfica por Zoltowski (1986) cujos estudos macrobibliométricos a desenvolvem como ciência concreta, a bibliometria caracteriza-se pela aplicação da análise estatística à produção bibliográfica de uma nação. Mas suas aplicações também têm sido realizadas por pesquisadores para avaliar e descrever estudos em campos específicos do conhecimento científico. Embora essa prática já viesse sendo utilizada desde 1980, sendo chamada de estatística bibliográfica, foi em 1969 que Pritchard propôs a utilização do termo bibliometria. Definiu-se então como aplicação de métodos matemáticos e estatísticos de livros e outros meios de comunicação, aconselhando sua utilização em todos os estudos que buscassem quantificar o processo de comunicação escrita (BUFREM; PRATES, 2005).

Atualmente uma das ferramentas mais utilizadas para estudos de bibliometria são os índices bibliométricos, geralmente obtidos a partir de bancos de dados, onde

parte da literatura científica mundial produzida anualmente está catalogada. A aplicação da cientometria é uma das principais razões pelas quais, hoje, se dispõe de tantas informações quantitativas sobre a ciência e porque se fazem tantas comparações sobre o desempenho científico, seja de um país, de uma comunidade científica ou de uma instituição. A análise quantitativa do que é publicado nos principais periódicos de determinada área do saber é uma forma de conhecermos a sua produção científica.

As principais leis da bibliometria levantadas por De Muylder *et al.* (2008) são:

- a) Lei de Bradford: ligada à dispersão da literatura periódica científica, que “permite estimar o grau de relevância de periódicos em dada área do conhecimento. Os periódicos que produzem o maior número de artigos sobre dado assunto formam um núcleo de periódicos, supostamente de maior qualidade ou relevância para aquela área” (GUEDES; BORSCHIVER, 2005, p.3);
- b) Lei de Lotka: ligada à produtividade científica de autores, considera que “alguns pesquisadores, supostamente de maior prestígio em uma determinada área do conhecimento, produzem muito e muitos pesquisadores, supostamente de menor prestígio, produzem pouco” (GUEDES; BORSCHIVER, 2005, p. 3);
- c) Leis de Zipf: que “permitem estimar a frequência de ocorrências das palavras de um determinado texto científico e tecnológico e a região de concentração de termos de indexação, ou palavras-chave”. (GUEDES; BORSCHIVER, 2005, p. 3).

Este estudo procurou verificar, de acordo com a Lei de Zipf, a frequência do termo “artesão” e do radical “empreend” nos artigos acadêmicos publicados nos eventos do EnANPAD dos últimos 10 anos.

3.1 Procedimentos para coleta das informações

Todos os artigos dos últimos dez anos dos eventos EnANPAD que estão disponibilizados em formato PDF foram agrupados por ano, área e subárea. Para identificar os artigos que continham a ocorrência dos termos pesquisados foram utilizados os mecanismos de pesquisa interna de texto através do *software Text Filterer* versão 3.1 da *Edwardsoft* que possui um avançado mecanismo de busca de texto e que permite buscar palavras ou frases exatas ou por proximidade e armazenar os resultados em um arquivo texto sob a forma de um banco de dados.

A coleta de dados foi realizada obtendo-se os *CD-ROMs* dos eventos EnANPAD dos últimos dez anos e realizando as consultas através do *software Text Filterer*, ano a ano.

As informações foram agrupadas primeiramente pela busca do termo “artesão” e nestes artigos identificados (que têm a ocorrência do termo pesquisado) foi coletada a frequência por ano, área e subárea do evento, sendo ainda identificados os objetivos desses artigos.

Em todos os artigos que tiverem a ocorrência do termo “artesão” foi pesquisada a ocorrência do radical “empreend”, o que foi foco para as palavras: empreender, empreendimento, empreendedor e empreendedorismo.

Foram criadas oito bases de dados no formato texto, uma para cada ano do evento EnANPAD, contendo as seguintes informações extraídas da consulta: área, número de artigos por área, subárea, número de ocorrências do termo “artesão”, número de ocorrências do radical “empreend”, título do artigo, autoria e objetivo dos artigos.

3.2 Procedimento para análise das informações

Os arquivos texto foram levados à planilha *Microsoft Excel* 2003 e lá unificados e tratados para que, através do recurso de “Tabela Dinâmica”, todas as análises estatísticas descritivas desejadas pudessem ser realizadas.

Desta forma, em posse de todos os artigos publicados nos eventos EnANPAD 1999 a 2008, em primeiro lugar foi identificado quais os artigos que continham o termo “artesão”.

Buscou-se, em uma outra etapa, identificar os títulos e objetivos dos artigos que tinham ocorrência do termo artesão.

Em outra fase, dentro do grupo de artigos extraídos na fase 1, fez-se a busca bibliométrica pelo termo “empreend” buscando relaciono com as palavras: empreendedorismo, empreendimento, empreendedor e empreender.

Na fase subsequente, buscou-se identificar título, objetivo, autores e trechos dos artigos que continham estas ocorrências simultâneas (artesão e empreend).

A pesquisa bibliométrica realizada se apresentou como importante ferramenta para o processo de produção das informações buscadas o que permitiu trabalhar com dados seguros e objetivos (PENTEADO FILHO, 2002) oriundos da base bibliográfica dos artigos do EnANPAD, propiciando, assim, o mapeamento desejado.

Estes dados foram armazenados e pode-se extrair informações coerentes com o proposto pela pesquisa e objetivos específicos.

4 SOBRE A ANPAD

Denominada ANPAD, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração foi fundada em 1976 a partir da iniciativa dos oito programas de pós-graduação existentes no Brasil.

É considerada o principal evento que gera interação entre os programas associados, grupos de pesquisa e tem como objetivo principal promover o ensino, a pesquisa e a produção de conhecimento dentro das ciências administrativas e afins no Brasil (ANPAD, 2009).

Em 2006 a ANPAD comemorou seus 30 anos com 60 programas associados e por meio de seus eventos mostra sua preocupação em acolher distintas posições teóricas no campo acadêmico-científico brasileiro nas áreas da gestão, contabilidade e afins.

A ANPAD divide suas áreas e discussões em Divisões Acadêmicas e Áreas Temáticas (Quadro 3). De acordo com a ANPAD (2009), “as áreas correspondem amplamente às distintas esferas de que é constituída a administração tanto pública, como privada e de organizações do terceiro setor”.

(continua)

Divisão Acadêmica 01
ADI - Administração da Informação
Áreas Temáticas:
ADI-A - Administração de TI nas Empresas
ADI-B - Gestão de Ambientes Virtuais
ADI-C - Impactos Socioculturais dos Sistemas de Informação
ADI-D - Metodologia e Análise de Informação
Divisão Acadêmica 02
APS - Administração Pública e Gestão Social
Áreas Temáticas:
APS-A - Estado, Administração Pública e Sociedade Civil
APS-B - Gestão e Políticas Públicas
APS-C - Gestão Social e Ambiental
Divisão Acadêmica 03
ESO - Estratégia em Organizações
Áreas Temáticas:
ESO-A - Estratégia em Organizações
ESO-B - Gestão Internacional
ESO-C - Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor

Divisão Acadêmica 04
EOR - Estudos Organizacionais Áreas Temáticas: EOR-A - Teoria das Organizações EOR-B - Comportamento Organizacional EOR-C - Gestão de Organizações e Desenvolvimento
Divisão Acadêmica 05
FIC - Finanças e Contabilidade Áreas Temáticas: FIC-A - Contabilidade para Usuários Externos FIC-B - Contabilidade Gerencial e Controladoria FIC-C - Mercados: Financeiro, Acionário e Risco FIC-D - Finanças Corporativas
Divisão Acadêmica 06
GCT - Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação Áreas Temáticas: GCT-A - Administração de Ciência & Tecnologia GCT-B - Gestão de Tecnologia e Inovação GCT-C - Empreendedorismo e Negócios Inovadores GCT-D – Agregação de Valor e Agronegócios
Divisão Acadêmica 07
GPR - Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho Áreas Temáticas: GPR-A - Gestão de Pessoas GPR-B - Relações de Trabalho
Divisão Acadêmica 08
GOL - Gestão de Operações e Logística Áreas Temáticas: GOL-A - Operações Industriais e de Serviços GOL-B - Gerenciamento da Cadeia de Suprimentos
Divisão Acadêmica 09
MKT – Marketing Áreas Temáticas: MKT-A - Teorias, Modelos e Metodologias em Marketing MKT-B - Comportamento, Dimensionamento e Previsão de Mercados MKT-C - Atividades, Aplicações e Técnicas de Marketing
Divisão Acadêmica 10
EPQ - Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade Áreas Temáticas: EPQ-A - Ensino e Pesquisa em Administração EPQ-B - Ensino e Pesquisa em Contabilidade
Divisão Acadêmica 11
CON – Contabilidade Áreas Temáticas: CON-A - Contabilidade para Usuários Externos CON-B - Contabilidade Gerencial

Quadro 3 - Divisões Acadêmicas e Áreas Temáticas da ANPAD a partir de 2007
Fonte: ANPAD, 2009.

São diversos os eventos promovidos pela ANPAD, dentre estes pode-se ressaltar o EnANPAD, o EMA e o 3'Es. A escolha pelo EnANPAD deve-se a sua relevância e

reconhecimento por se tratar do maior encontro da comunidade científica e acadêmica da área de Administração do país, sendo que, nos últimos três anos, em cada evento EnANPAD cerca de 3000 trabalhos nas diversas áreas temáticas foram submetidos à apreciação, dos quais, aproximadamente, 800 foram apresentados (ANPAD, 2009).

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 Termo Artesão e o EnANPAD

Como foi proposto pelo primeiro objetivo específico: a) Identificar os artigos relacionados ao termo artesão; neste tópico serão tratados os artigos com a ocorrência do termo artesão.

A tabela 1 mostra o número de artigos que possuem citação do termo pesquisado “artesão” nos anais do EnANPAD nos últimos dez anos e o percentual de ocorrência em relação ao total de artigos publicados nos períodos analisados.

Tabela 1 - Ocorrências do termo “artesão” - EnANPAD 1999-2008

ANO	Número total de artigos	Número de artigos com o termo "artesão"	% de ocorrência
1999	271	2	0,74
2000	364	10	2,75
2001	464	3	0,65
2002	554	2	0,36
2003	630	5	0,79
2004	799	5	0,63
2005	791	8	1,01
2006	836	9	1,08
2007	973	22	2,26
2008	1001	28	2,80
Total	6683	94	-
Média Simples	668,3	9,4	1,31

Fonte: Elaborado pelo autor.

Analisando as ocorrências da palavra pesquisada nos artigos publicados pelo EnANPAD no período de 1999 a 2008, observou-se que a ocorrência do termo “artesão” aparece com maior frequência nos anos de 2000 (2,75%), 2007 (2,26%) e 2008 (2,80%), perfazendo uma média de 2,60%. Em 2007 e 2008, a quantidade de artigos publicados é 62,6% e 63,6%, respectivamente, maior do que em 2000, ou

seja, o equivalente a 609 e 637 trabalhos a mais, respectivamente. Dessa forma, observou-se que a incidência do termo pesquisado nos períodos escolhidos é extremamente pequena em relação ao total dos artigos publicados. Pode-se ressaltar que nos últimos três anos houve um aumento da aparição do termo pesquisado nos artigos publicados pelo EnANPAD. Em média, foram encontrados apenas 9,4 artigos nos quais constam o termo “artesão”, dentre dos 6683 artigos publicados nos últimos dez anos nos anais do EnANPAD.

A seguir serão detalhadas as áreas nas quais aparecem artigos publicados pelo EnANPAD que contém a aparição do termo “artesão” nos três anos que apresentaram maior concentração: 2000, 2007 e 2008.

A tabela 2 apresenta o número de artigos que possuem citações do termo “artesão” por área analisada e o percentual de ocorrências dos mesmos nos anais do EnANPAD - 2000.

Tabela 2 - Áreas com ocorrência do termo “artesão” - ENANPAD 2000

Área	Número total de artigos	Número de artigos com o termo "artesão"	% ocorrências
ADI	26	1	3,85
ORG	71	9	12,66
Total	97	10	-
Média Simples	48,5	5	8,26

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dos 364 artigos publicados pelo EnANPAD em 2000, das 11 áreas temáticas analisadas, somente em duas encontramos a ocorrência do termo artesão, sendo que a ocorrência da palavra pesquisada predomina na área denominada ORG (Organizações), perfazendo um total de 12,66% dos 71 artigos publicados, conforme tabela 2.

A tabela 3 figura o número de artigos que possuem citações do termo “artesão” por área analisada e o percentual de ocorrência dos mesmos nos anais do EnANPAD - 2007.

Tabela 3 - Áreas com ocorrência do termo "artesão" - EnANPAD 2007

Área	Número total de artigos	Número de artigos com o termo "artesão"	% ocorrências
APS	155	4	2,58
EPQ	92	1	1,09
EOR	99	14	14,14
GCT	67	2	2,99
GPR	88	1	1,14
Total	501	22	-
Média Simples	100,2	4,4	4,39

Fonte: Elaborado pelo autor

Sendo 973 publicações nos anais EnANPAD – 2007, observou-se uma quantidade maior de ocorrência do termo pesquisado em relação ao ano de 2000, perfazendo um crescimento de 120%, ou seja, a ocorrência média do termo “artesão” nos artigos analisados gira em torno de 4,4 artigos.

Em termos de análise, pode-se ressaltar que o termo “artesão” aparece em cinco áreas temáticas, em contraposição a duas, no ano de 2000, ou seja, ocorreu uma maior diversificação no ano de 2007. No entanto, a área intitulada ADI – Administração da Informação, não aparece neste período, mas, em contrapartida a área denominada EOR – Estudos Organizacionais aparece tanto no ano de 2000 sob a classificação de ORG - Organizações, como também, em 2007.

Como a área intitulada EOR - Estudos Organizacionais foi a que indicou a maior ocorrência do termo neste período analisado, observou-se que a frequência do termo “artesão” concentrou-se somente na sub-área denominada Teoria das Organizações, conforme tabela 3.

A tabela 4 figura o número de artigos que possuem citações do termo “artesão” por área analisada e o percentual de ocorrências dos mesmos nos anais do EnANPAD - 2008.

Tabela 4 - Áreas com ocorrência do termo “artesão” - EnANPAD 2008

Área	Número total de artigos	Número de artigos com o termo "artesão"	% ocorrências
APS	159	7	4,40
EOR	116	13	11,21
EPQ	100	5	5,00
ESO	110	2	1,82
MKT	118	1	0,85
Total	603	28	-
Média Simples	120,6	5,6	4,66

Fonte: Elaborado pelo autor

Pode-se ressaltar que no ano de 2008 o termo “artesão” aparece em cinco áreas temáticas, sendo que as áreas APS – Administração Pública e Gestão Social , EOR – Estudos Organizacionais e EPQ – Ensino de Pesquisa em Administração e Contabilidade repetem-se nos anos de 2007 e 2008. No entanto, somente a área EOR – Estudos Organizacionais é comum nos três anos analisados: 2000, 2007 e 2008.

Observa-se que a área denominada EOR - Estudos Organizacionais revelou o maior percentual da ocorrência do termo pesquisado nos artigos publicados pelo EnANPAD em 2008, que representa 11,21% dos artigos analisados nesta área, conforme tabela 4.

5.2 A Relação Artesão e Empreendedorismo

Como foi proposto, a pesquisa busca identificar se há relação entre os temas artesão e empreendedorismo na academia e, para tal, buscou-se analisar os artigos que apresentaram nos últimos 10 anos do Evento EnANPAD a ocorrência do radical “empreend”.

A tabela 5 apresenta o número de artigos que possuem citação do radical “empreend” dentro dos artigos que constam o termo pesquisado “artesão” além do

percentual dessa ocorrência em relação ao total de artigos publicados nos períodos analisados.

(continua)

Tabela 5 – Ocorrência do radical "empreend" nos artigos e suas áreas com termo artesão, EnANPAD, 1999-2008

Ano	Áreas	Artigos	Número de ocorrências do termo artesão	Radical "empreend"	Frequência do radical "empreend" no total de artigos por período %
1999	AP	AP-07	1	4	1,48
	RH	RH-25	1	0	0,00
2000	ADI	ADI-970	1	6	1,65
		ORG-871	7	2	0,55
	ORG	ORG-633	1	0	0,00
		ORG-960	1	0	0,00
2001	ACT	ACT-631	1	3	0,65
		ACT -843	1	0	0,00
	ESO	ES0-1147	1	17	4,67
2002	POP	POP-1123	1	7	1,26
	COR	COR-1565	1	0	0,00
2003	ECE	ECE-121	1	31	4,92
		ECE-1280	1	108	17,14
	GSA	GSA-467	1	19	3,02
	POP	POP-1167	1	23	3,65
	COR	COR-1178	1	0	0,00
2004	ECE	ECE-1788	1	106	13,27
	GRT	GRT-0383	1	0	0,00
	GSA	GSA-0997	3	0	0,00
2005	APS	APSC-906	2	51	6,45
		APS-2100	1	3	0,38
	EOR	EOR-A2006	1	0	0,00
	EPQ	EPQ-A2010	1	0	0,00
	ESO	ESOC-2810	1	69	8,72
	GCT	GCTC-191	1	139	17,57
2006	MKT	MKT -A2097	1	0	0,00
	APS	APSC-1601	6	7	0,84
	EPQ	EPQA-2599	1	10	1,20
	ESOA-582	2	2	0,24	
2007	APS	APSC-2838	1	143	14,70
		APSC-2450	3	0	0,00
		EORA-59TC	7	1	0,10
	EOR	EORA-128	1	3	0,31
		EORA-680	5	0	0,00
		EPQA1545	1	0	0,00
	EPQ	EPQA1752	1	0	0,00
	GCT	GCTC-1527	2	29	2,98
GPR	GPRB-108	1	75	7,71	

Tabela 5 – Ocorrência do radical "empreend" nos artigos e suas áreas com termo artesão, EnANPAD, 1999-2008

Ano	Áreas	Artigos	Número de ocorrências do termo artesão	Radical "empreend"	Frequência do radical "empreend" no total de artigos por período %
2008	APS	APSC-1146	5	11	1,10
		APSA-220	2	12	1,20
	EOR	EORA-2511	12	1	0,10
		EORC-1822	1	11	1,10
	EPQ	EPQA-1917	5	0	0,00
	ESO	ESOC-2226	1	29	2,90
		ESOC-2150	1	177	17,68
	MKT	MKTD518	1	1	0,10
Total			94	1100	-

Fonte: Elaborado pelo autor

Observou-se que nos anos de 2003, 2004, 2005, 2007 e 2008 a ocorrência do radical “empreend” dentro dos artigos que constam o termo “artesão” apareceu com maior frequência em relação aos outros períodos pesquisados, perfazendo um total de 1042 aparições. Torna-se relevante ressaltar que, no ano de 2005, houve maior ocorrência do radical pesquisado representando 23,82% do total das aparições.

Área	Artigo	Título	Objetivo
AP	AP-07	Análise do incentivo salarial em uma empresa pública: uma abordagem Dejouriana	Este estudo compreende uma pesquisa exploratório-descritiva, que procura examinar a repercussão da gratificação de desempenho e produtividade frente aos fatores de sofrimento e prazer no trabalho, utilizando como base, principalmente, a escola dejouriana
RH	RH-25	Requalificação, treinamento e obtenção de nova ocupação: um estudo sobre a mão-de-obra liberada pela indústria automobilística de São Paulo	A mão-de-obra operacional do setor metalúrgico, em especial aquela da indústria automobilística, vem sendo impactada com a introdução de novas tecnologias nos processos de trabalho, resultando em uma expressiva dispensa de pessoal. Perante este quadro, foi estabelecida como questão de pesquisa a possibilidade da requalificação profissional ser uma alternativa para os metalúrgicos não qualificados encontrarem outras oportunidades de colocação no mercado de trabalho, garantindo, assim, a sua subsistência.

Quadro 4– EnANPAD 1999

Fonte: Elaborado pelo autor

No ano de 1999, de acordo com o quadro 4, observa-se que nos dois artigos com ocorrência dos termos pesquisados, apenas o segundo de número RH-25 tem relação direta, uma vez que o objetivo do artigo era a busca por novas formas de trabalho de metalúrgicos não qualificados, sendo o artesanato uma alternativa de sobrevivência e atividade econômica. Mesmo assim, pode-se ainda discutir que o artesanato não pode ser meramente percebido como alternativa laborativa e carece de características empreendedoras e de criatividade.

Área	Artigo	Título	Objetivo
ADI	ADI-970	O Processo de Virtualização das Organizações: um estudo de casos no setor livreiro	O presente trabalho focaliza o processo de virtualização das organizações, estudando os casos de três organizações ligadas ao setor livreiro.
ORG	ORG- 871	Comportamento ideológico e formas associativas de organização e gestão do trabalho em assentamentos de reforma agrária	O texto procurou abordar o processo evolutivo de cooperativas coletivas de trabalhadores rurais no Brasil a fim de entender e explicar os processos e dificuldades organizativas presentes nesse tipo de experiências.
	ORG- 633	Instituições Nacionais e o Sistema de Trabalho no Brasil.	O objetivo é examinar como as instituições sociais de um país de industrialização tardia moldaram um específico sistema de trabalho, demonstrando a coerência existente entre a intervenção do Estado e a estrutura do sistema de trabalho predominante.
	ORG- 960	Entre a Epistêmê e a Phrónesis: antigas lições para a moderna aprendizagem da administração	Este artigo pretende voltar à cultura filosófica grega, especialmente em seu apogeu, nos séculos V e IV a. C., à procura de elementos úteis à reflexão sobre a aprendizagem em administração

Quadro 5 – EnANPAD 2000
Fonte: Elaborado pelo autor

No ano de 2000, observa-se que nos quatros artigos com a ocorrência dos termos pesquisados, apenas o artigo de número ORG-871 tem relação direta entre os termos pesquisados, uma vez que procurou retratar o comportamento ideológico artesão dos camponeses na produção rural.

Área	Artigo	Título	Objetivo
ACT	ACT-843	Gestão do Conhecimento: O Conhecimento Como Fonte de Vantagem Competitiva Sustentável	Este artigo tem caráter descritivo e exploratório e tem como objetivo desenvolver um tema que vem sendo estudado de forma crescente no meio acadêmico, e que, porém, ainda é pouco considerado, na prática, pelas organizações. Através dos conceitos de conhecimento, criatividade, aprendizagem e tecnologia da informação, busca-se fundamentar o que vem a ser a Gestão do Conhecimento, seus objetivos, sua importância e como ela pode ser aplicada na prática pelas empresas.
	ACT-631	O Cientista e o Administrador de C&T na Era do Diálogo dos Saberes	O artigo analisa as relações entre o cientista e o administrador, ou seja, o que ocorre nas relações de trabalho destes profissionais, no dia-a-dia das organizações de C&T e tenta esboçar caminhos que os levem a uma harmonia maior em suas relações para obter ganhos em eficiência e efetividade na gestão da ciência e da tecnologia.
ESO	ESO-1147	A Formulação de Estratégias em Pequenas Empresas: um estudo na pequena indústria catarinense.	A finalidade principal deste estudo é o entendimento do processo de formulação de estratégias em pequenas empresas industriais.

Quadro 6 – EnANPAD 2001

Fonte: Elaborado pelo autor

No ano de 2001, o artigo ESO-1147 citado no quadro 6, apresentou uma relação direta com os termos pesquisados, uma vez que o objetivo central desse artigo foi demonstrar o processo de formulação de estratégias mais complexo que os propostos pelos modelos reativos-intuitivos, normalmente atribuídos aos pequenos empreendimentos.

Área	Artigo	Título	Objetivo
COR	COR-1565	Ser ou estar gerente? Reflexões sobre a trajetória e o aprendizado gerencial	Este trabalho visa levantar algumas reflexões para uma maior compreensão do exercício do papel gerencial, em especial no que se refere à aprendizagem do gerente. O trabalho tem como foco central a experiência vivida pelo gerente e o significado atribuído por ele a esta vivência.
POP	POP-1123	Gestão de Projetos Sociais e de Preservação Ambiental na Amazônia	Assim, tem-se como objetivo geral do presente estudo, investigar como projetos de desenvolvimento sustentável do estado do Amapá contribuem para a melhoria das condições de vida da população local.

Quadro 7– EnANPAD 2002

Fonte: Elaborado pelo autor

No ano de 2002, observou-se que nos dois artigos com a ocorrência dos termos pesquisados, não há relação entre o artesão e o empreendedorismo

Em 2003 ocorreram 181 aparições do radical “empreend”, mas a ocorrência preponderante se deu na área intitulada ECE - Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor representando 17,14% do total de artigos publicados neste período (Quadro 8).

Nota-se que existe uma concentração do radical “empreend”, mas nenhum dos dois artigos tem no objetivo principal relação direta com artesão.

(continua)

Área	Artigo	Título	Objetivo
COR	COR-1178	De “Cascão a Lagartixa”: Uma Abordagem Etnográfica focada na Perspectiva de Comunidades de Prática em Aprendizagem Organizacional.	O objetivo desta apresentação está em elaborar um conhecimento – o mais próximo e vivencial possível - a respeito das práticas de trabalho presentes nas estruturas informais das organizações, de forma a podermos contribuir para a melhoria dos processos de aprendizagem e inovação em ambientes de trabalho produtivo.
ECE	ECE-121	Empreendedorismo: Valores e Configuração Estrutural	O objetivo, no presente estudo, é verificar a influência dos valores do dirigente na configuração estrutural em termos de suas três principais dimensões: complexidade, formalização e controle. A escolha do dirigente dá-se em função do pressuposto de que os valores dele guiam e dirigem as interpretações da organização e do ambiente (Enz, 1988; Bartunek, 1984).
	ECE-1280	As Motivações das Empreendedoras de Serviços de Bufês do Estado do Rio de Janeiro na Decisão de Iniciar o seu Negócio	O novo contexto econômico mundial trouxe mudanças significativas para o mercado de trabalho brasileiro, que se processam em três dimensões nas quais passam a ocupar um lugar de destaque: as pequenas empresas, as mulheres trabalhadoras e o setor de serviços. A proposta deste estudo é exatamente a de uni-las em uma única pesquisa, buscando um melhor entendimento sobre o ainda desconhecido universo das empreendedoras brasileiras.
GSA	GSA-467	Regulação de Conflitos Sócio-Ambientais na Área de Proteção Ambiental do Litoral Norte da Bahia: restrição ao acesso à matéria-prima para o artesanato local	Este artigo tem por objetivo analisar o processo de regulação de conflitos sócio-ambientais na Área de Proteção Ambiental do Litoral Norte da Bahia (APA-LN), particularmente no que diz respeito à restrição ao acesso das populações tradicionais às reservas naturais de Mata Atlântica.

Área	Artigo	Título	Objetivo
POP	POP-1167	Paranapiacaba: destino turístico e responsabilidade social	Descrições das ações empreendidas pelo poder público local para implantação de um plano de desenvolvimento turístico com responsabilidade social na Vila de Paranapiacaba, contornando a situação sócio-política-econômica e estrutural desfavorável instalada quando a administração municipal comprou a Vila em 2002.

Quadro 8 – EnANPAD 2003

Fonte: Elaborado pelo autor

No ano de 2003, as ocorrências foram encontradas em dois artigos de números ECE 121 e ECE-1280 que procuram retratar os valores e a configuração estrutural do empreendedorismo no Brasil. (Quadro 8).

Área	Artigo	Título	Objetivo
ECE	ECE-1788	A Presença do Espírito Empreendedor no Processo de Formulação de Estratégias de Internacionalização da Datasul.	Este artigo objetivou identificar características associadas ao espírito empreendedor no processo de formulação de estratégias de internacionalização de uma empresa de software catarinense.
GRT	GRT-0383	A Imagem do Trabalho na Atualidade: Um Estudo Empírico com Uso de Fotografia	Trata-se de uma pesquisa qualitativa que teve como um de seus objetivos analisar a imagem do trabalho para diferentes grupos sociais, usando o recurso da fotografia como modelo (Ciavatta, 2002, Neiva-Silva e Koller, 2002). Foram realizados 10 grupos focais (n=50) representando os segmentos sociais de formadores, selecionadores, profissionais de nível superior das áreas de ciências humanas, exatas e de saúde e profissionais de baixa qualificação do mercado formal e informal. O objetivo da pesquisa foi o de captar as similaridades e as diferenças de perspectivas em relação à imagem do trabalho de grupos sociais diversificados.
GSA	GSA-0997	As Culturas Organizacionais de uma Loja Autogestionada de Economia Popular Solidária de	O presente artigo tem por objetivo descrever e analisar uma experiência de Economia Popular Solidária, levada a efeito pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, sob a ótica da cultura organizacional.

Quadro 9 – EnANPAD 2004

Fonte: Elaborado pelo autor

No ano de 2004, observa-se que os três artigos com ocorrência dos termos pesquisados, apenas o primeiro de número ECE-1788 tem relação direta, visto que o que o objetivo do artigo era a identificação das características associadas ao espírito empreendedor em uma empresa de software (Quadro 9). Ocorreram 106 aparições do radical “empreend”, na área intitulada ECE - Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor representando 13,27% do total de artigos publicados neste período.

Dentre os artigos identificados, percebe-se que apenas o último, de título “As culturas organizacionais de uma loja autogestionada de economia popular Solidária de Porto Alegre pode estar associando os dois temas: artesanato e empreendedorismo, apesar dos dois outros artigos das áreas GRT e ECE também figurarem com a busca combinada dos termos artesanato e “empreend”.

Em 2005 ocorreram 262 aparições do radical “empreend”, mas a ocorrência preponderante se deu na área intitulada GCT - Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação – subárea GCTC – Empreendedorismo e Negócios Inovadores, representando 17,57% do total de artigos publicados neste período (Quadro 10).

(continua)

Área	Artigo	Título	Objetivo
APS	APSC-906	Programa Berimbau: Iniciativa Político-institucional de Regulação de Conflitos Socioambientais na Área de Influência de Costa do Sauípe-Ba	O objetivo deste trabalho foi analisar o processo de regulação de conflitos socioambientais à luz do referencial sociológico institucionalista, focando o Programa Berimbau – Programa Social Sustentável do Empreendimento Turístico Costa do Sauípe.
	APS-2100	Responsabilidade Social Empresarial (RSE): A Atuação das Grandes Empresas do Vale do Paraíba.	Este estudo analisou a responsabilidade social empresarial das grandes empresas do Vale do Paraíba através da opinião dos gestores sobre o tema e das principais atividades desenvolvidas regionalmente

EOR	EORA-2006	ARS Antiqua1: Mosteiro de São Bento, o Eterno no Tempo	Este artigo investiga a condição de instituição total da Ordem Beneditina, a partir da experiência do Mosteiro de São Bento. Trata-se de pesquisa longitudinal que mapeou as mudanças ocorridas na gestão do Mosteiro, no período entre 1994 e 2004. O delineamento do estudo é de caráter qualitativo e se valeu de método do relato oral, de história de vida e da análise documental.
EPQ	EPQA-2010	Narrativa Grupal Mediada – Uma Estratégia para o Estudo de Caso como Objeto de Aprendizagem	Este artigo propõe uma estratégia metodológica de pesquisa para promover a interpretação de um caso, reunindo, com a mediação do pesquisador, um grupo de pessoas relevantes ao caso, sobretudo por terem-no vivido ou testemunhado, com o objetivo de dali extrair uma aprendizagem.
ESO	ESOC-2810	Avaliação da Tipologia dos Empreendedores Residentes de Incubadoras Utilizando o Teste “Keirsej Temperament Sorter”.	O presente trabalho tem como objetivo avaliar o perfil dos empreendedores residentes em Incubadoras através da utilização da metodologia desenvolvida por Keirsej & Bates (1984), tendo como base os estudos de Jung (1971).
GCT	GCT-191	Desbravando Fronteiras: o Empreendedor como Artesão de Redes e Artífice do Crescimento Econômico	[...] nosso objetivo, neste artigo, é de elaborar uma crítica à noção corrente do empreendedor enquanto ator atomizado e auto suficiente, demonstrando que ele é, antes de tudo, um articulador e um forjador de redes, com capacidade de unir e conectar, de maneira muitas vezes inovadora, diferentes atores e recursos dispersos no mercado e na sociedade, agregando valor à atividade produtiva e disto se apropriando, para usufruto privado (a propósito deste assunto ver Vale, 2004). Duas abordagens são, neste contexto, de particular interesse: o empreendedor como agente de inovação e o empreendedor como um articulador e aglutinador de recursos produtivos complementares.
MKT	MKTA-2097	A Teoria do Gosto de Bourdieu Aplicada ao Consumo de Marcas de Luxo Falsificadas.	O objetivo deste artigo teórico-empírico é explorar a possibilidade de aplicação da Teoria do Gosto de Bourdieu ao consumo de marcas de luxo falsificadas.

Quadro 10 – EnANPAD 2005

Fonte: Elaborado pelo autor

Ainda em 2005, ressalta-se que o artigo da área GCT de número GCT-191 e título “Desbravando Fronteiras: o empreendedor como artesão de redes e artífice do crescimento econômico” está relacionado com o problema proposto por esta dissertação.

Em 2006, Quadro 11, o tema foi explorado em três artigos, mas, novamente, o termo artesão e relação com o radical “empreend” faz sentido apenas no primeiro artigo, pois relaciona-se a economia solidária.

Área	Artigo	Título	Objetivo
APS	APSC-1601	O Olhar da Mulher sobre a Exclusão e a Inclusão Social: Depoimentos das Praticantes da Economia Popular Solidária	Este trabalho tem como objetivo identificar os significados atribuídos pela mulher à exclusão e a inclusão social. Para tanto, foram ouvidas onze mulheres que viveram essas duas situações, sendo que a inclusão definitiva delas na teia social se deu via Economia Popular Solidária – EPS, mais especificamente, por meio do Projeto Etiqueta Popular.
EPQ	EPQA-2599	Produção Científica sobre o Ensino em Administração: uma Avaliação Envolvendo o Enfoque do Paradigma da Complexidade	A compreensão de questões atuais cada vez mais complexas parece exigir um novo tipo de educação, que enfoque as várias dimensões dos seres humanos e da sociedade em geral para enfrentar os desafios atuais. Sob essa ótica, o artigo visa analisar a produção científica sobre o ensino na área de Administração e o alinhamento desta com os princípios desenvolvidos por Morin para a educação do futuro, baseando-se no paradigma da complexidade. Para tanto, são analisados 103 artigos apresentados no Encontro Nacional de Pós-Graduação em Administração, na área de ensino e pesquisa, nos anos de 2002 a 2005.
ESO	ESOA-582	Estratégia em Universidades Privadas: Estudo de Casos	O objetivo central da pesquisa foi o de analisar a formação de estratégias em universidades privadas. A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso em que é analisada a realidade de duas universidades privadas do tipo comunitárias.

Quadro 11 – EnANPAD 2006

Fonte: Elaborado pelo autor

Em 2007 ocorreram 251 aparições do radical “empreend”, mas a ocorrência dominante se deu na área intitulada APS - Administração Pública e Gestão Social - subárea APSC - Gestão Social e Ambiental, representando 14,70% do total de artigos publicados neste período (Quadro 12).

(Continua)

Área	Artigo	Título	Objetivo
APS	APSC-2450	De “Tapera” ao Turismo: Quando Organizações Transformam Cidades. O Caso de Nova Olinda	Este estudo focaliza a influência da atuação de uma organização no âmbito dos processos de territorialização e da emergência de novos sujeitos políticos que reorganizam o comum no espaço da cidade, potencializando os recursos e abrindo novos caminhos de desenvolvimento local.
	APSC-2838	Perfil organizacional de Empreendimentos Econômicos Solidários em Salvador	Este artigo tem como objetivo principal analisar os resultados da investigação acerca do perfil organizacional de empreendimentos econômicos solidários no município de Salvador.
EOR	EORA-59TC	O Processo de Institucionalização da Feira Hippie de Belo Horizonte	O objetivo neste artigo é analisar o processo de institucionalização da Feira de Arte, Artesanato e Produtores de Variedades, popularmente conhecida como Feira Hippie de Belo Horizonte, o que fizemos com base na teoria institucional com um enfoque longitudinal.
	EORA-680	“A Feira do Livro da Gente; da Chuva, do Cheiro de Pipoca Doce, do Xerife” ¹ : a cultura organizacional da Feira do Livro de Porto Alegre	O artigo tem por objetivo analisar a cultura organizacional da Feira do Livro de Porto Alegre mediante a identificação dos aspectos culturais compartilhados ou não entre os membros da Comissão Executiva da Feira do Livro e as implicações simbólicas de determinadas decisões administrativas.
	EORA-128	Aglomeraciones Produtivas e Estudos Organizacionais: em Busca de uma Tipologia sobre Novas Conformações Organizacionais	O presente artigo, fruto de intensa investigação, procura suprir tal deficiência, elaborando uma tipologia de análises na área. Apresenta, de maneira crítica, as principais correntes de reflexões e seus impactos no âmbito dos estudos organizacionais. Mostra, também, a crescente identidade entre a evolução desse pensamento e os interesses dos pesquisadores organizacionais, que passaram a povoar esse campo fértil de reflexões, onde o território é vislumbrado como um grande complexo produtivo.

	EORA-1545	Trocando a lente: racionalidade econômica e relações sociais em uma rede de pequenos varejos familiares	Na análise teórico-empírica realizada no presente estudo, assume-se o desafio de tentar compreender as redes em movimento. Toma-se como referência, além de outras pesquisas já publicadas, uma pesquisa empírica em uma rede de pequenos varejos familiares do RS. Analisa-se o significado das transformações ocorridas a partir da adesão a esta rede – as razões de ingresso e permanência; as resistências explícitas e implícitas; enfim, as conseqüências da inserção de um empreendimento familiar na dinâmica da competição capitalista.
EPQ	EPQA-1752	“A Importância Do Ato De Ler”: Leituras Críticas na Formação do Administrador	Assim, com base nos escritos de Freire sobre a importância do estímulo à leitura no processo de formação dos alunos, este artigo se propôs, então, discutir as contribuições que o fomento ao esforço reflexivo e interpretativo por parte dos alunos agrega à eficácia do ensino de administração.
GCT	GCTC-1527	Empreendimento Social Transformador: O Caso do Imaginário Pernambucano - Cabo de Santo Agostinho	O empreendedor social exerce um papel importante como agente de mudança, a partir do momento que ele trabalha para solucionar os problemas que afligem todo um tecido social, principalmente quando age de forma coletiva (redes sociais). Com base nisto, este estudo visa compreender como o sujeito empreendedor coletivo no contexto de cooperação, como membro de uma rede, pode contribuir para o desenvolvimento local. O caso escolhido para o estudo e que responde a questão acima foi um Projeto de extensão da UFPE: “O Imaginário Pernambucano”, que se trata de uma construção coletiva.
GPR	GPRB-108	Empreendedorismo Sem Fronteira: desafios e conquistas dos imigrantes chineses no Brasil.	Esta pesquisa procurou conhecer o perfil de empreendedores imigrantes chineses, suas trajetórias profissionais, dificuldades e desafios encontrados no período de adaptação a assimilação de uma nova cultura. Foram realizadas entrevistas com 15 imigrantes chineses, residentes em São Paulo, SP, que alcançaram sucesso em suas atividades empresariais, por meio do método de conveniência.

Quadro 12 – EnANPAD 2007

Fonte: Elaborado pelo autor

Em 2008 ocorreram 242 aparições do radical “empreend”, mas a ocorrência preponderante se deu na área intitulada ESO - Estratégias em Organizações - subárea ESOC - Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor representando 17,68% do total de artigos publicados neste período (Quadro 13).

(continua)

Área	Artigo	Título	Objetivo
APS	APSC-1146	Governança Municipal e Gestão Social do Desenvolvimento Local: Estudo de Caso de uma Rede Organizacional de Produção Artesanal Têxtil	O presente artigo discute como a falta da governança e de políticas públicas sistemáticas e orquestradas pelo sistema político, movimentos sociais ou em espaços públicos compartilhados, não impede que estratégias corporativas sejam exercidas por grupos sociais não formalizados, neste caso da rede organizacional de produção artesanal têxtil de Resende Costa (MG).
	APSA-220	O Mundo Que Nós Perdemos: da Solidariedade Pré-Industrial à Economia Solidária	Este texto sintetiza, sob perspectiva crítico-reflexiva, concepções que subsidiam o debate teórico do construto Gestão Social. Adota como referência o ideal da solidariedade, com o objetivo de discutir fundamentos históricos desse campo da Ciência Administrativa, ampliando conteúdos já sistematizados e suprimindo lacunas identificadas na literatura nacional.
EOR	EORC-1822	Uma Justificativa Crítica Pela Economia Solidária	Este trabalho é uma crítica que busca justificar de modo embasado a necessidade de discutirmos a Economia Solidária e a autogestão. No âmbito da Administração este trabalho visa contribuir para reconhecimento da importância da teoria crítica nos estudos organizacionais. Na medida em que a mudança reside nas relações de produção, a Administração exerce um papel fundamental.
EPQ	EPQA-1917	Fábrica “Virtual” de Gestores: contradições entre as novas tecnologias aplicadas à educação a distância e antigos modelos educacionais.	O presente artigo trata de como cursos de Ensino a Distância (EAD), fundamentados em novas tecnologias (principalmente os computadores e redes computacionais) podem intensificar as características manufatureiras presentes no modelo de educação tradicional. Desta forma, o objetivo deste trabalho é compreender de que forma os cursos de Educação a Distância, fundamentando-se nas novas tecnologias, em particular o computador e as redes de computadores, intensificam as características e deficiências do modelo manufatureiro de educação.

ESO	ESOC-2226	Caracterização das Práticas Gerenciais em Pequenas Empresas: Fundamentação de Elementos Internos por Meio da Metodologia de Diagnóstico.	Este estudo objetivou a identificação empírica, a partir de uma abordagem indutiva, das práticas gerenciais adotadas por pequenas empresas, que caracterizem gestão profissional ou não. Para tanto, delineou-se, por meio de pesquisa-diagnóstico quantitativa, um levantamento de dados primários em 38 salões de beleza, situados em cidade de porte médio em MG, contemplando as dimensões Planejamento e Controle Financeiro.
ESO	ESOC-2150	Intraempreendedorismo Social: uma Análise Auto-avaliativa dos Funcionários de uma Mantenedora Religiosa	O presente estudo desenvolve a premissa de que o empreendedor interno é um funcionário distinto da norma, isto é, um elemento que inova dentro da organização, realizando um papel que vai além das suas tarefas rotineiras. No caso de organizações com caráter social intrínseco em seus objetivos, como no caso das instituições de fundamentação religiosa, as inovações recaem sobre uma esfera social, e são requeridas por todos os membros da empresa para o seu cumprimento. Dada essa visão peculiar, que difere as organizações sociais das empresas puramente econômicas, surge o presente estudo, que tem como objetivo avaliar o comportamento intraempreendedor social dos funcionários de uma organização religiosa.

Quadro 13 – EnANPAD 2008

Fonte: Elaborado pelo autor

Portanto, na década analisada, observou-se que a ocorrência do radical “empreend” aparece com mais frequência na área intitulada Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor. Essa área foi criada em 2003 e envolve diversos temas relacionados ao empreendedorismo e ao comportamento empreendedor de pessoas, grupos e organizações. Os tópicos cobertos incluem estudos das características sociais, psicológicas e comportamentais de indivíduos empreendedores e suas implicações. O papel do capital de risco e de outras fontes de capital nos diferentes ambientes sociais, culturais e econômicos; a estrutura de governança em pequenas e médias empresas e seu impacto no crescimento e desenvolvimento das organizações. Engloba ainda o papel que o empreendedor desempenha nas organizações privadas e públicas, assim como do terceiro setor e na sociedade como um todo; bem como sua relação com o desenvolvimento econômico de setores, organizações e empresas em diferentes culturas. Em 2005 essa área passa a ser agregada à divisão acadêmica denominada ES0 – Estratégias em Organizações (ANPAD, 2003).

Analisando a representatividade do termo “artesão”, em relação ao radical “empreend” pode-se ressaltar que em 2008 a proporção do termo “artesão”, em relação ao radical “empreend” foi de 23/242, ou seja, há 23 ocorrências do termo “artesão”, para 242 ocorrências do radical “empreend”.

Nos 46 artigos analisados dos últimos dez anos no EnANPAD que contém o termo “artesão”, constatou-se que trinta desses artigos focam o empreendedorismo, representando 65,22% dos totais de artigos que constam o termo pesquisado “artesão”. Somente dois artigos publicados em 2007 e 2008 concentrados na área denominada EOR (Estudos Organizacionais), na subárea intitulada Teoria das Organizações retratam o artesão como empreendedor. Os dois artigos publicados nesta subárea estão vinculados a Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Esta concentração, mesmo que pequena, pode ressaltar a busca por estudos científicos da academia acerca do tema.

A subárea Teoria das Organizações procura privilegiar a demonstração da diversidade dos estudos organizacionais na realidade brasileira. Abrange trabalhos teóricos, empíricos e ensaios sobre as organizações oriundos de diferentes perspectivas epistemológicas, teóricas e metodológicas. Assim, além dos estudos organizacionais considerados clássicos, considera também estudos organizacionais críticos, exceto aqueles enquadráveis na Área Temática Teoria Crítica em Estudos Organizacionais, voltados à teoria crítica. Sugere-se, como linhas temáticas, trabalhos que discutam novas formas de gestão, velho e novo institucionalismo, particularizando questões de cultura nas organizações, identidade organizacional, organizações familiares, formas de controle nas organizações e na sociedade organizacional, poder e resistência nas organizações, cooperação e confiança organizacional, entre outras. Com base na perspectiva de construção de conhecimento na área e também na relevância desse conhecimento para o desenvolvimento da sociedade (ANPAD, 2007).

Por mais paradoxal que possa parecer, a intensificação do processo de globalização parece ter valorizado o fazer manual. O artesanato, hoje, é a contrapartida à massificação e à uniformização de produtos globalizados, promovendo ao mesmo tempo o resgate cultural e a identidade regional (RUGIU, 1998).

Para Dornelas (2001), empreendedores são merecedores de valorização e respeito, pois são responsáveis pela geração de riquezas e conseqüentemente, são contribuintes diretos para o processo de desenvolvimento do país.

Segundo Pereira (1979), o artesanato destaca-se como elemento cultural, representando a autenticidade e promovendo a educação. Pelo prisma econômico, é atividade geradora de trabalho e renda e ganha função social. O artesanato pode ser feito em qualquer lugar e tempo, contribuindo para uma melhor qualidade de vida.

A alegação defendida é a de que os núcleos artesanais não são apenas planos de sobrevivência de grupos sociais ao sistema. São estratégias de produção que sobrevivem paralelamente ao processo industrial. Como expressão de sistemas auto-organizados, o artesanato representa uma forma de emulação ou de resiliência ao modelo de produção econômica dominante no mundo contemporâneo, aparecendo como opção amadurecida para a geração de ocupação e de promoção do desenvolvimento regional e territorial na atualidade (MATURANA, 2001).

6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A pessoa humana é a sede de uma alma original, sede da cultura e de todos os aperfeiçoamentos. A proficiência artesanal está na pessoa do artesão. Ele é capaz de exercer sozinho todas as fases de um determinado ofício (D'ÁVILA, 1983, p.175).

Neste capítulo, apresentam-se as principais conclusões oriundas da análise dos resultados desta pesquisa, cujo objetivo principal foi Identificar nos artigos produzidos, nos últimos dez anos – de 1999 a 2008, nos Encontros Nacionais da Associação de Programas de Pós-graduação em Administração (EnANPAD), a ocorrência do termo artesão e se houve relação com tema empreendedorismo, ou seja, se a academia relaciona o artesanato como forma de produção econômica.

Trabalhar com empreendimentos artesanais pode ser um ato de desbravar contextos desconhecidos, inusitados e cheio de surpresas. O artesanato está em processo de evolução. O consumo aumentou consideravelmente, novas técnicas de produção foram desenvolvidas, e as técnicas tradicionais foram resgatadas e ganharam novas formas de aplicação. Na linguagem capitalista, o artesão poderia ser designado como capital humano, ou seja, como o detentor do conhecimento do “jeito de fazer” e do “porquê de fazer”.

Assim, o artesanato se consolida na sociedade pós-industrial como uma organização social, fazendo parte de um cenário produtivo diferenciado. Este cenário é compatível com a sociedade da informação, pois o empreendimento artesanal deve ser intencional e não imposto por terceiros e instituições. Para reduzir os riscos de fracasso e descontinuidade, os empreendedores dos negócios artesanais devem exercer a cidadania ativa e, como cidadãos, estimular a agregação da sua rede comunal para o desenvolvimento e a melhoria da produção, contribuindo para a satisfação individual e coletiva.

Considerando os resultados encontrados na presente pesquisa, concluiu-se que a maior concentração do termo “artesão” está presente na área denominada EOR - Estudos Organizacionais. A maior concentração do radical “empreend” está presente na área ESO – Estratégias em Organizações, mas especificamente na subárea

Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor. Por mais paradoxal que possa parecer, os artigos publicados nesta área não retratam o artesanato como empreendedorismo. Verificou-se, ainda, que a ocorrência do termo “artesão” apareceu com maior frequência nos anos de 2007 e 2008, representando 22 e 28 aparições, respectivamente, o que corresponde a 53,19% do total dessas aparições em todos os artigos publicados pelo EnANPAD nos últimos dez anos.

Com relação a aparição do radical pesquisado “empreend” dentro dos artigos que contém o termo artesão, constatou-se que a ocorrência preponderante surgiu nos anos de 2007 e 2008, representando 44,82% do total dessas aparições.

Analisando as informação coletadas nos 6683 artigos publicados e suportados pelos critérios das “Leis de Zipf” conclui-se que os artigos publicados nos eventos EnANPAD nos últimos dez anos não tratam de forma intensiva o termo pesquisado, ou seja, a academia não relaciona o artesanato como forma de produção econômica, uma vez que de todas as aparições do termo pesquisado “artesão”, somente em dois artigos publicados pela academia em 2007 e 2008, situados na área intitulada Estudos Organizacionais e na sub-área denominada Teoria das Organizações associam o artesão com o empreendedorismo.

Conclui-se que o empreendimento artesanal não despertou ainda o interesse de pesquisa na área de administração, mesmo tendo impactos consideráveis na economia e em toda a sociedade.

Sugere-se a intensificação dos estudos sobre o empreendimento artesanal, por meio de análises mais interpretativas e aprofundadas. Diante do exposto, lança-se o desafio de realizar estudos mais críticos, como forma de contribuir para a análise da realidade administrativa das organizações do campo do empreendimento artesanal e identificar como o artesão realmente pode contribuir para o desenvolvimento do país, através da geração de emprego e renda com equidade e justiça social.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Patrícia. Cidadania é fórmula de desenvolvimento. **Revista Sebrae**. Brasília, v.8, p. 6-19, mar/abril. 2003.

BARINI FILHO, Ulrico. **A Teorização da transformação da formação da competência empreendedora fundamentada na abordagem da complexidade**. 2003. 215 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica. São Paulo. 2003.

BERNARDI, Luiz Antonio. **Manual de Empreendedorismo e Gestão: Fundamentos, Estratégias e Dinâmicas**. São Paulo: Atlas, 2003. 203 p.

BUFREM, Leilah Santiago; PRATES, Yara. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 9-25, maio/ago.2005.

CASSON, M. **The Entrepreneur**. Oxford: Martin Robertson, 1982. 350 p.

CUÉLLAR, Javier Pérez de (org.). **Nossa diversidade criadora: Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento**. Brasília: UNESCO / Papyrus Editora, 1997. 400 p.

D'ÁVILA, José da Silveira. O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. In: RIBEIRO, Berta G. et. al. *Artesanato indígena: para quê e para quem?* In: **O Artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983.

DEES, J. Gregory. Enterprising nonprofits. **Harvard Business Review**, v. 76, n. 1, p. 55-67, Jan./Feb. 1998

DEGEN, Ronald Jean. **O Empreendedor: Fundamentos da Iniciativa Empresarial**. 8. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2000. 150 p.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do Empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999. 315 p.

DOLABELA, Fernando. **A vez do sonho**: empreendedores falam sobre o fascinante caminho da inovação, do risco, da auto-realização e revelam por que não têm medo de perseguir seus sonhos. São Paulo: Cultura, 2000. 430 p.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: Transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001. 187 p.

FILION, Louis Jacques O. Empreendedorismo como Tema de Estudos Superiores. In: INSTITUTO. EUVALDO LODI. **Empreendedorismo**: Ciência, Técnica e Arte. Brasília: CNI/IEL, 1999. 203 p.

FRANCO, Augusto de. **Oitava Rodada de Interlocação Política do Conselho da Comunidade Solidária**, realizada em 16 de abril de 1998, IPEA, Brasília.

FREITAS, Ana Luiz Cerqueira. **Design e Artesanato**: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto. 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2006.

FREITAS, Rubens C. **Mapeamento das competências**. Palestra proferida nas unidades do SENAC/NE. Rio de Janeiro: Treinacom Competências Ltda., 2005.

FUKUYAMA, Francis. **A Grande Ruptura**: a natureza humana e a reconstituição da ordem social. Trad. Nivaldo Montingelli Jr. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 344p.

GARCIA, Luiz Fernando. **Formação Empreendedora na Educação Profissional**: capacitação à distância de professores para o empreendedorismo. Florianópolis: LED, 2000. 257 p.

GERBER, Michael E. **O Mito do Empreendedor** : como fazer de seu empreendimento um negócio bem sucedido. Trad. Gunter Altmann. São Paulo: Saraiva, 1996. 225 p.

GUEDES, Vânia L.S.; BORSCHIVER, Suzana, **Bibliometria**: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. 2005. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000508/>>. Acesso em: 02 fev. 2009.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A Nova Ciência das Organizações**: uma reconceituação da riqueza das nações. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1989. 210p.

HILÁRIO NETO, Giuseppe. **Diagnóstico e análise do perfil do empreendedor Joseense**. 2004. 114 F. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Taubaté. São Paulo. 2004.

KURATKO, Donald F; HODGETTS, Richard M. **Entrepreneurship: theory, process and practice**. Cincinnati: South-Western, 2001.

LIMA, Antonio Aquilino de Macedo; AZEVEDO, Ivanildo Mendes de. **O Artesanato nordestino: características e problemática atual**. Fortaleza: Banco do Nordeste/ETENE, 1982. 116 p.

LONGEN, Márcia Terezinha. **Um modelo comportamental para o estudo do perfil do empreendedor**. 1997. 189 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 1997.

LONGENECKER, Justin. **Administração de Pequenas Empresas**. São Paulo. Makron Books, 1997. 156 p.

LOPES, Rose Mary Almeida. **Short Term Results Evaluation of Competence Based Training for Entrepreneurs: Empretec Program**. São Paulo: USP, 1999.

MARX, Carl. **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A. 1980. 113 p.

MATURANA, Humberto. **Cognição, Ciência e Vida**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. 242p.

MDIC. *APEX – Made in Brazil*. MDIC. 2002.

MEGLIO, R. **The International Labor Office**. Local economic development – experiences and perspectives. 2001. Disponível em: <<http://www.iadb.org>>. Acesso em: 15. fev. 2009.

MORAES NETO, Benedito Rodrigues. A evolução dos processos de trabalho e a natureza da moderna automação. **Estudos de Sociologia**, São Paulo, v. 1. 1996. 208 p.

PEREIRA, José Carlos da Costa. **Artesanato – definições, evolução e ação do Ministério do Trabalho – Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato**. Brasília: Ministério do Trabalho, 1979. 130 p.

PROGRAMA do artesanato brasileiro. Disponível em:
<<http://pab.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: 10 de jul. 2008.

RIBEIRO, Berta G. *et al.*. Artesanato indígena: para quê e para quem? In: RIBEIRO, Berta G. *et al.*. **O Artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983. 345 p.

RODRIGUES, José dos Reis Gonçalves. **O Empreendedor e o Franchising: do mito à realidade**. São Paulo. Érica, 1998. 210 p.

RUGIU, Antônio Santoni. **Nostalgia do Mestre artesão**. Campinas: Autores Associados, 1998. 132 p.

SALLES, Vicente. **Integração e função de outros organismos: posicionamento do MEC. II Encontro do Artesanato**. Brasília: MEC – Departamento de Assuntos Culturais /Campanha de Defesa do Folclore, 1977. 123 p.

SANTOS, Silvio Aparecido. **Criando Seu Próprio Negócio: Como desenvolver o potencial empreendedor**. Brasília: SEBRAE, 1995. 100 p.

SCHUMPETER, Joseph. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. 206 p.

SOUTO, Dayse Lago Pereira; SALES, Rosane Coelho; FREIRE, Francisco Xavier. **Uma experiência extensionista em reciclagem de papel Artesanal - reciclarte: arte da reciclagem**, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.udesc.br>>. Acesso em: 05 fev. 2009.

SOUZA NETO, Bezamat. Genealogia e especificidades acerca de um tipo de empreendedor popular: o artesão brasileiro. In: Encontro de Estudos Sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - Egepe, 2., 2001, Londrina. **Anais...** Paraná: Egepe, 2001.

SOUZA, Eda Castro Lucas de. Empreendedorismo: da gênese à contemporaneidade. In: SOUZA, Eda Castro Lucas de; GUIMARÃES, Tomás de

Aquino (org.). **Empreendedorismo além do plano de negócio**. São Paulo: Atlas, 2005. Cap. 1, p. 3-20.

SOUZA, Tereza de. **Uma estratégia de Marketing para o Artesanato do Rio Grande do Norte**. 1991. 345 f. Tese (Doutorado em Administração) - Fundação Getúlio Vargas. São Paulo. 1991.

TACHIZAWA, Takeshy; FARIA, Marília de Sant' Anna. **Criação de Novos Negócios**. São Paulo: FGV, 2002. 197 p.

TIMMONS, Jeffrey A. **New Venture Creation**, Irwin, Boston, USA, 1990.

TIMMONS, Jeffrey A. **Smollen and dingee, New Venture – Creation: A Guide** Entrepreneurship. 1985.

UNESCO. Handcrafts and Design; Handicrafts; Seal of Excellence Programme. Disponível em: <[http:// portal.unesco.org](http://portal.unesco.org)>. Acesso em: 06 mar. 2009.

VIVES, Vera de. A Beleza do cotidiano. In: RIBEIRO, Berta G. et. al.. **O Artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983. 208 p.

XAVIER, Bruno de Aquino Parreira. **Cooperativas de trabalho e relação de emprego**. 2003. Disponível em: <<http://jus.com.br/doutrino/texto.asp?id=3635>>. Acesso em: 06 jun. 2008.

YAIR, Karen et al. **Crafting competitive advantage: crafts knowledge as a strategic resource**. Design Studies. Great Britain: Elsevier Science Ltda, 2001. n. 22, p. 377-394. 2001.

YOUNG, Robert. **Formação Empreeneurial e Consolidação de Desempenho Empresarial**. Relatório final apresentado à Agência para o desenvolvimento internacional, São Paulo, 1990. 176 p.

ZOLTOWSKI, Victor. **Bibliometria: teoria e prática**. São Paulo: Cultrix, 1986.